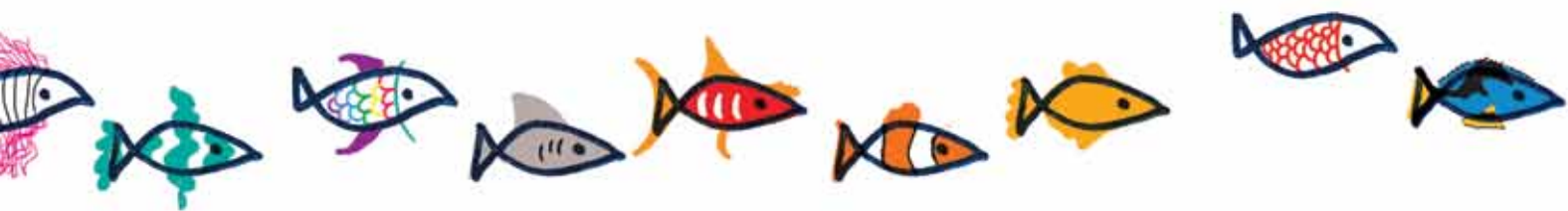


SAEMS 2011

REVISTA DO GESTOR





SAEMS 2011

REVISTA DO GESTOR

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO DA REDE
PÚBLICA DE MATO GROSSO DO SUL



Governo do Estado de Mato Grosso do Sul

Governador

André Puccinelli

Vice-Governadora

Simone Tebet

Secretária de Estado de Educação

Maria Nilene Badeca da Costa

Secretária-Adjunta da Secretaria de Estado de Educação

Cheila Cristina Vendrami

Diretor Geral de Infraestrutura, Administração e Apoio Escolar

Josimário Teotônio Derbli da Silva

Superintendente de Planejamento e Apoio Institucional

Angela Maria da Silva

Coordenadora de Programas de Apoio Educacional

Lázara Lopes da Costa

Equipe de Avaliação

Abadia Pereira da Silva

Ana Paula Almeida de Araujo Sorrilha

Edna Ferreira Bogado da Rosa

Luciana Guilherme da Silva

Maristela Alves da Silva Teixeira

Patrícia Lyka Berloff Tago Tostes

Pedro Luís da Silva Giarretta

Walquiria Maria Ferro

Superintendente de Políticas de Educação

Roberval Angelo Furtado

Coordenadora de Políticas Para Educação Infantil e Ensino Fundamental

Carla de Britto Ribeiro Carvalho

Gestora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

Alcione A. R. Valadares

Coordenador de Políticas Para Ensino Médio e Educação Profissional

Hildney Alves de Oliveira

Gestora do Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos

Marcia Proescholdt Wilhelms

Equipe Pedagógica - Alfabetização/Fundamental

Ariadene Salma da Silva Pulchério

Claudio dos Santos Martins

Fabiano Francisco Soares

Gilson Demétrio Ávalos

Ildamar Silva

Laurinda Silva Gonçalves da Cruz

Nilce Romeiro Lucchese

Regina Magna Rangel Martins

Rosa Neide Cardoso

Selma Aparecida Borges

Stielic Leão Prestes Nobre

Wilma Correa de Oliveira

Equipe Pedagógica - Ensino Médio/Eja

Ana Maria de Lima Souza

Célia Maria Vieira Ávalos

Eraídes Ribeiro do Prado

Juvenal Brito Cezarino Júnior

Marcio Bertipaglia

Vanderson de Souza

7

OS RESULTADOS DO SAEMS

8 Como melhorar os resultados educacionais?

11

RESULTADOS GERAIS

44 Equidade e desempenho

48 Com a palavra, o diretor

51

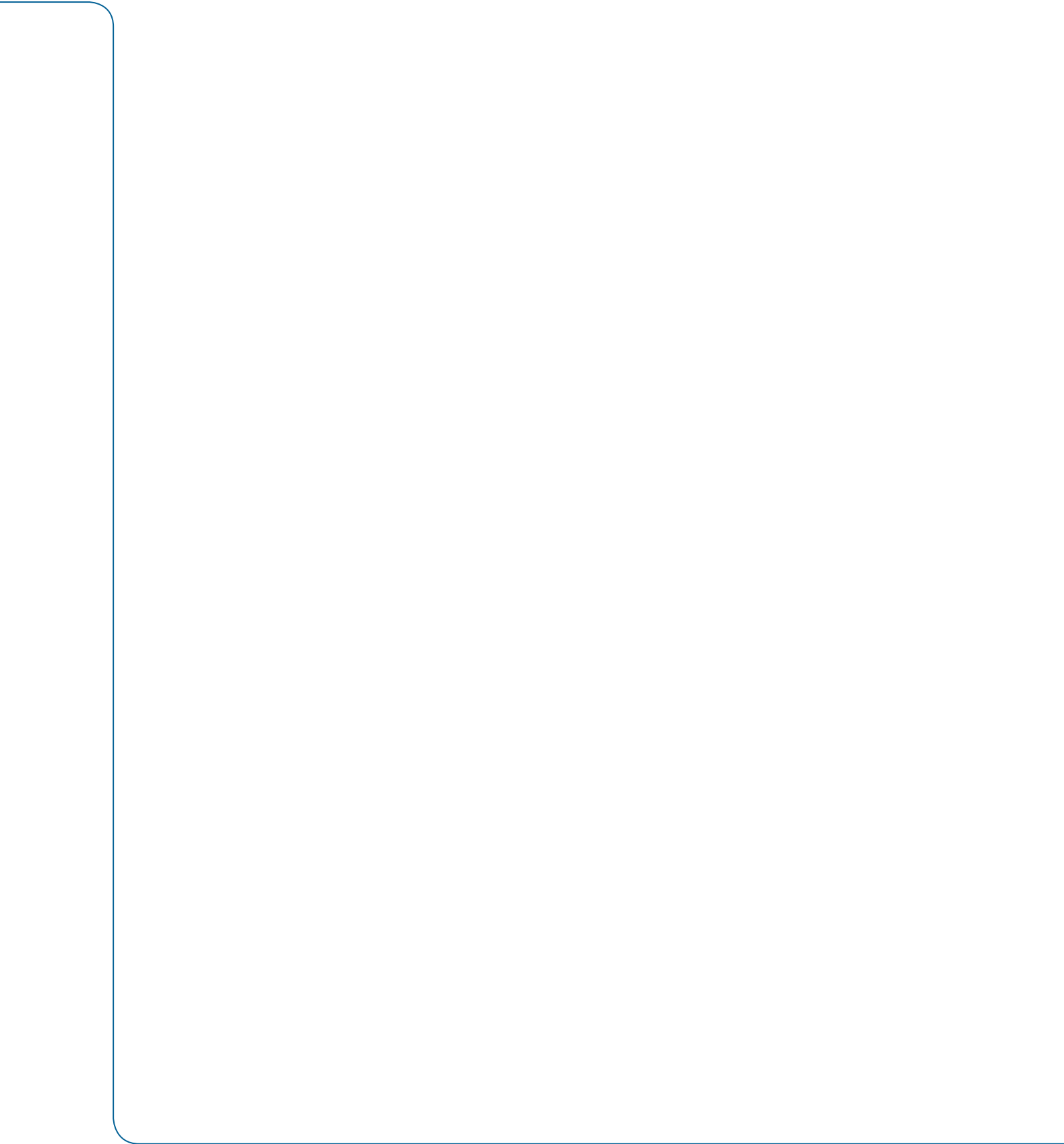
PERCENTUAL DE ESTUDANTES
POR PADRÃO DE DESEMPENHO

70 Por uma educação menos desigual

72 Com a palavra, o superintendente
de políticas de educação

75

O TRABALHO CONTINUA





OS RESULTADOS DO SAEMS SUBSÍDIOS PARA UMA GESTÃO EFICAZ

A gestão democrática das escolas é uma grande conquista da sociedade brasileira. Para a sua consolidação cresce a necessidade de descentralização das instâncias gestoras, de autonomia das unidades escolares e de participação efetiva da comunidade junto às decisões relevantes para a vida escolar. O gestor, como agente impulsionador de mudanças e figura chave para estruturação de uma escola verdadeiramente democrática, ganha importante destaque na busca por uma educação de qualidade, capaz de promover equidade educacional e diminuir as desigualdades sociais. Portanto, em seu processo de tomada de decisões, é fundamental que tenha à disposição informações precisas acerca da realidade educacional das escolas sob sua responsabilidade. Com esses dados é possível identificar quais polos, municípios ou escolas necessitam de atenção especial e quais estão conseguindo alcançar maiores progressos.

Diante desse quadro, ao realizar o diagnóstico da educação do Mato Grosso do Sul, o SAEMS se configura como um esforço significativo do poder público no sentido de contribuir para a promoção de uma educação de qualidade oferecida a todos os estudantes. Deve ser tratado como um valioso instrumento de reflexão e ação, capaz

de gerar contribuições eficazes para o aperfeiçoamento contínuo de nosso sistema de educação básica.

Esta Revista do Gestor tem por finalidade servir, para todas as instâncias gestoras, como ferramenta para decisões importantes. É preciso tornar as escolas espaços efetivos de transformação social, que façam a diferença na vida dos estudantes. Para isso, é preciso, em especial, que os gestores analisem o diagnóstico que têm em mãos e estruturem suas ações a partir daí.

São apresentados, nesta revista, os resultados gerais de participação e proficiência do SAEMS em sua edição de 2011, agregados por polo, município e escola, na rede estadual, para as etapas de escolaridade e áreas do conhecimento avaliadas (os resultados por escola estão disponíveis no CD anexo a esta revista).

Você encontra, ainda, importantes discussões sobre aspectos de grande relevância, como possíveis caminhos para a melhoria dos resultados, fatores de desigualdade e equidade educacionais. Além disso, apresentamos o depoimento de gestores que, como você, fazem a diferença para as comunidades onde atuam.

COMO MELHORAR OS RESULTADOS EDUCACIONAIS?

O sucesso de uma política não resulta apenas do *insight* ou da experiência de quem a formula. Depende de um diagnóstico seguro e do acompanhamento dos avanços em relação aos objetivos.

A crescente pressão social pela melhoria da qualidade da educação tem impulsionado estados e municípios a buscarem mecanismos para aprofundar o conhecimento de suas redes de ensino e avaliar suas políticas educacionais. Tal tendência se intensificou a partir da década de 1990, quando o Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (MEC/Inep) implantou o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o que ampliou a fidedignidade dos dados sobre as escolas e salas de aula. Entretanto, o SAEB não é suficiente para um diagnóstico detalhado. Para conhecerem sua realidade a fundo, estados e municípios necessitam de mecanismos de avaliação mais precisos e minuciosos, que forneçam informações sobre um universo maior de estudantes e com uma frequência maior do que o SAEB. Nesse sentido, a maioria dos estados – e inúmeros municípios – mantém seus próprios sistemas. Em 2011, 16 estados realizaram avaliação de desempenho de seus estudantes. As informações geradas são um valioso instrumento para subsidiar e planejar as políticas educacionais, aprofundando o retrato produzido pelo SAEB.

Informação: a base das boas políticas

O sucesso de uma política não resulta apenas do *insight* ou da experiência de quem a formula. Depende, por outro lado, de um diagnóstico seguro, da avaliação das medidas adotadas e do acompanhamento dos avanços em relação aos objetivos. Em educação, espera-se que as políticas atendam à demanda por vagas e assegurem as

condições para que todos concluam a formação com sucesso, no tempo previsto, na idade correta e com elevado nível de aprendizado e desenvolvimento pessoal.

O impacto dessas políticas deve ser assegurado pela realização de avaliações sistêmicas, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Os bons resultados não surgem imediatamente e as decisões de cada escola, município ou estado condicionam o futuro. No pior cenário, as novas gerações aprendem menos que as antecedentes, comprometendo o porvir: o fracasso nos anos iniciais tende a se propagar nos subsequentes.

O acúmulo de fracassos no Ensino Fundamental é um dos fatores que explica a dificuldade do Brasil para melhorar o Ensino Médio, reduzir o abandono e a reprovação, e qualificar o desempenho dos jovens. Em contrapartida, no melhor cenário, quando a aprendizagem avança e se consolida, as políticas priorizam o início do Fundamental, sem abandonar os demais níveis. Afinal, como atestam as avaliações internacionais, nenhum sistema educacional se credencia para trabalhar com as séries mais avançadas se não assegurar a plena alfabetização de todas as crianças ao final do primeiro ciclo do Ensino Fundamental.

No Brasil, estados e municípios, que baseiam seus diagnósticos e políticas em avaliações de larga escala há mais tempo têm experimentado a melhoria dos resultados, principalmente nos

anos iniciais, e formado estudantes mais bem preparados.

Qualidade para todos

Em nosso país, as desigualdades socioeconômicas são as principais responsáveis pelas diferenças no desempenho. Por isso, o desafio da qualidade e da universalização da educação básica é tão complexo.

A relativa homogeneidade de antes se desfez com a ampliação do acesso, o que trouxe à escola estudantes de diversos estratos sociais, com interesses, necessidades e expectativas variadas. Assim, qualidade e equidade tornam-se indissociáveis na equação educacional.

A equidade introduz um critério adicional de avaliação das políticas: é fundamental que as crianças e jovens que mais precisam da escola melhorem seu desempenho. Políticas educacionais universais servem para promover mudanças gerais no sistema, mas não são, necessariamente, eficazes para reduzir diferenças reveladas pelas avaliações.

A melhoria das condições de ensino, da gestão, da infraestrutura e da qualificação dos docentes são indispensáveis para o bom funcionamento das escolas, beneficiando toda a rede de ensino. Existem, ainda, condições específicas que demandam políticas focadas, tais como: escolas nas periferias, em áreas de vulnerabilidade social ou na zona rural, dentre outras.

Para além dos sistemas de avaliação

A efetividade das políticas depende também da articulação dos resultados de desempenho com informações dos fatores intra e extraescolares fornecidas pelo SAEMS e dados mais gerais, como o Censo Escolar, pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre outros.

O exame conjunto dessas informações pode revelar problemas: nem sempre o melhor desempenho dos estudantes, aferido pela avaliação externa, significa maior taxa de aprovação; os dados disponíveis revelam, em todo o Brasil, casos de regiões onde a taxa de aprovação é baixa e o desempenho é mais alto e vice-versa. Essa aparente contradição sugere uma falta de sintonia entre os resultados expressos nos padrões de desempenho estudantil e os padrões de excelência adotados pelas escolas. Aponta para a necessidade de se questionar a avaliação realizada pelos professores que, ora se mostra mais complacente do que deveria e ora mais rigorosa, tomando-se como critério de comparação o desempenho dos estudantes.

Outras medidas são necessárias, como a definição de metas e de pessoas responsáveis pelo cumprimento delas; o estabelecimento de incentivos para que todos estejam envolvidos e, conseqüentemente, tenham um nível de desempenho apropriado; e o auxílio às escolas no seu esforço de oferecer o nível de educação esperado. Essas medidas devem ser associadas a uma cadeia de responsabilização, que prescinde do envolvimento de todos.

A melhoria das condições de ensino, da gestão, da infraestrutura e da qualificação dos docentes são indispensáveis para o bom funcionamento das escolas.



RESULTADOS GERAIS

Com os resultados gerados pelo SAEMS, as instâncias gestoras mais elevadas podem planejar a execução de políticas públicas, criar metas de qualidade e equidade educacionais, promover mecanismos de formação continuada e implementar medidas de responsabilização. Por sua vez, os gestores das unidades escolares podem, e devem, com base nesses resultados, elaborar a sua avaliação institucional e o projeto da escola, bem como monitorar a qualidade do ensino ofertado.

Nesta seção, você encontra o mapa do Mato Grosso do Sul dividido por polo de Ensino. Para cada uma delas, são apresentados os resultados de proficiência, o padrão de desempenho alcançado, o número efetivo de estudantes avaliados, o percentual de participação e a variação da média de proficiência da última edição de avaliação do SAEMS.



RESULTADO GERAL

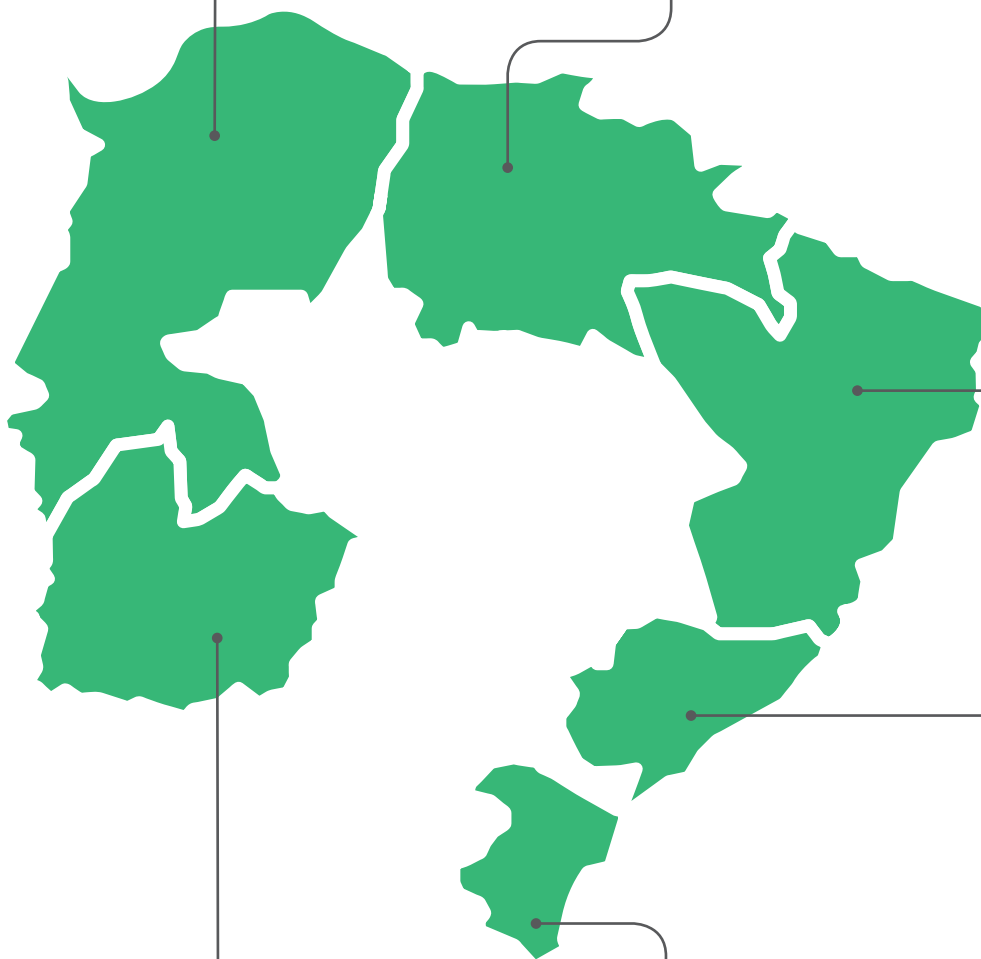
Proficiência Média	479,9
% de Participação	83,0
Alunos Efetivos	11.418
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	32,5

**LÍNGUA PORTUGUESA - 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NOROESTE	
Proficiência Média	439,1
% de Participação	73,2
Alunos Efetivos	756
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	29,2

NORTE	
Proficiência Média	477,9
% de Participação	84,4
Alunos Efetivos	836
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	33,2

LESTE	
Proficiência Média	497,5
% de Participação	83,6
Alunos Efetivos	870
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	33,5



OESTE	
Proficiência Média	461,2
% de Participação	82,3
Alunos Efetivos	474
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	31,8

SUL	
Proficiência Média	499,2
% de Participação	83,1
Alunos Efetivos	1.001
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	33,2

SUDESTE	
Proficiência Média	484,9
% de Participação	83,0
Alunos Efetivos	784
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	32,5

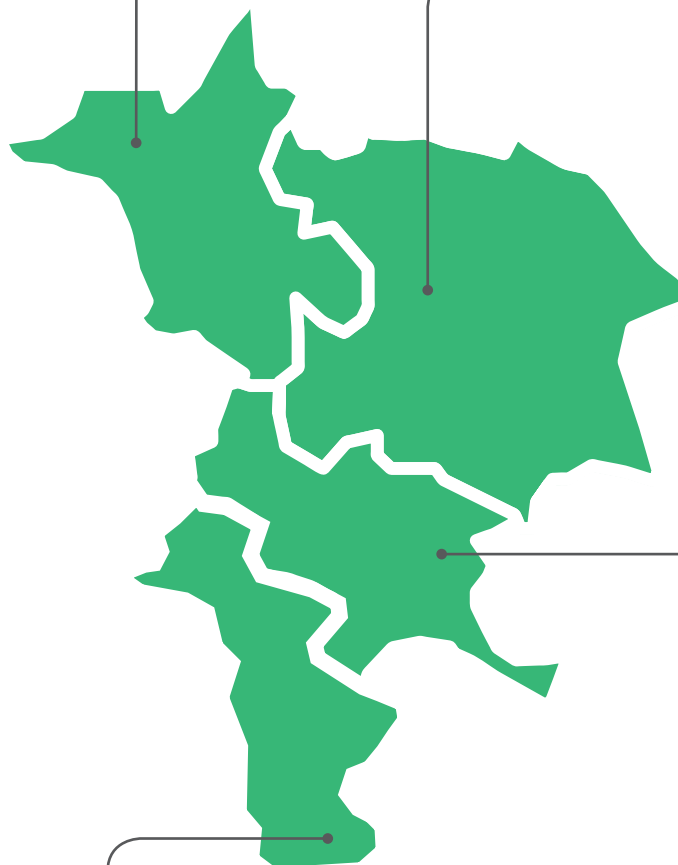
LÍNGUA PORTUGUESA - 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



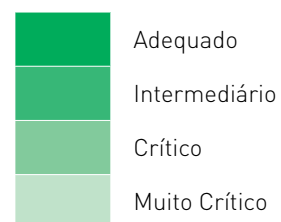
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	455,8
% de Participação	84,0
Alunos Efetivos	982
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	29,6

CENTRAL	
Proficiência Média	480,8
% de Participação	82,2
Alunos Efetivos	2.393
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	32,0

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	489,8
% de Participação	86,6
Alunos Efetivos	1.808
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	33,8

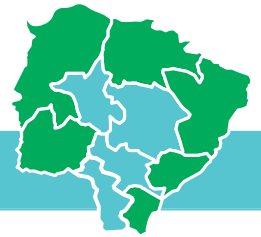


SUDESTE	
Proficiência Média	484,6
% de Participação	84,1
Alunos Efetivos	1.514
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média do ditado	33,5



RESULTADO GERAL

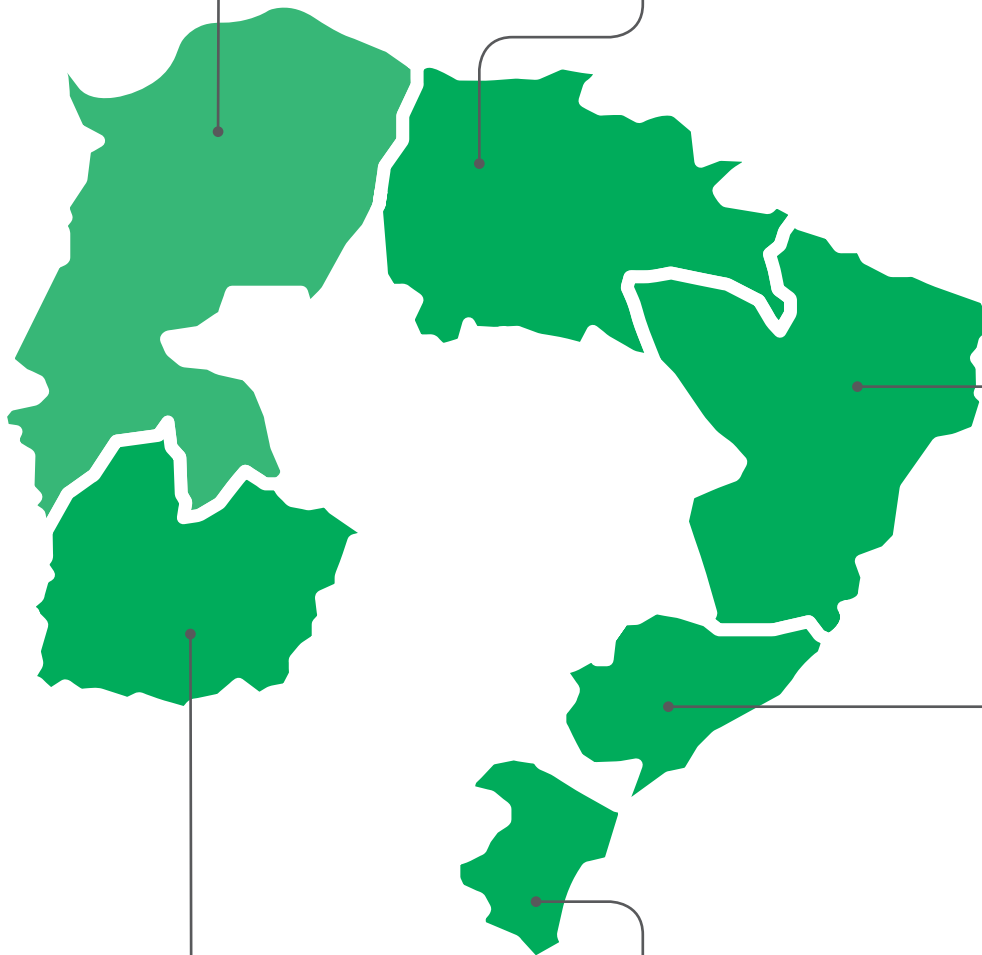
Proficiência Média	517,1
% de Participação	84,7
Alunos Efetivos	11.792
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,2

**LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NOROESTE	
Proficiência Média	489,6
% de Participação	84,4
Alunos Efetivos	880
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,7

NORTE	
Proficiência Média	512,3
% de Participação	80,4
Alunos Efetivos	847
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,1

LESTE	
Proficiência Média	515,7
% de Participação	85,2
Alunos Efetivos	936
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,5



OESTE	
Proficiência Média	527,2
% de Participação	84,7
Alunos Efetivos	583
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,1

SUL	
Proficiência Média	533,5
% de Participação	84,6
Alunos Efetivos	834
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,8

SUDESTE	
Proficiência Média	513,7
% de Participação	87,6
Alunos Efetivos	867
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,7

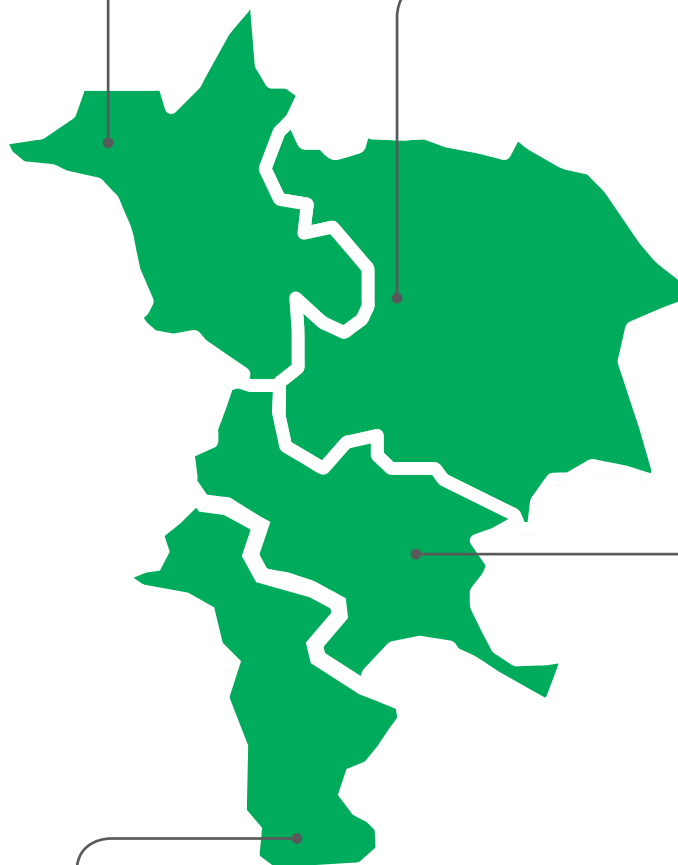
LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



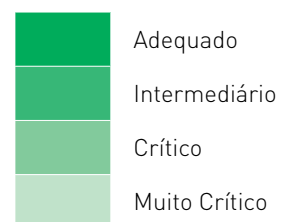
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	510,8
% de Participação	83,2
Alunos Efetivos	908
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	4,2

CENTRAL	
Proficiência Média	511,5
% de Participação	83,8
Alunos Efetivos	2.652
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,1

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	531,2
% de Participação	87,2
Alunos Efetivos	1.784
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,7

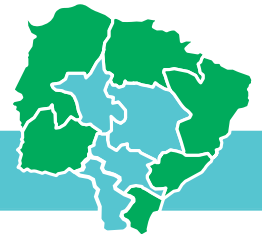


SUDESTE	
Proficiência Média	522,9
% de Participação	85,3
Alunos Efetivos	1.501
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,2



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	570,0
% de Participação	86,4
Alunos Efetivos	12.722
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,8

**LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL****NOROESTE**

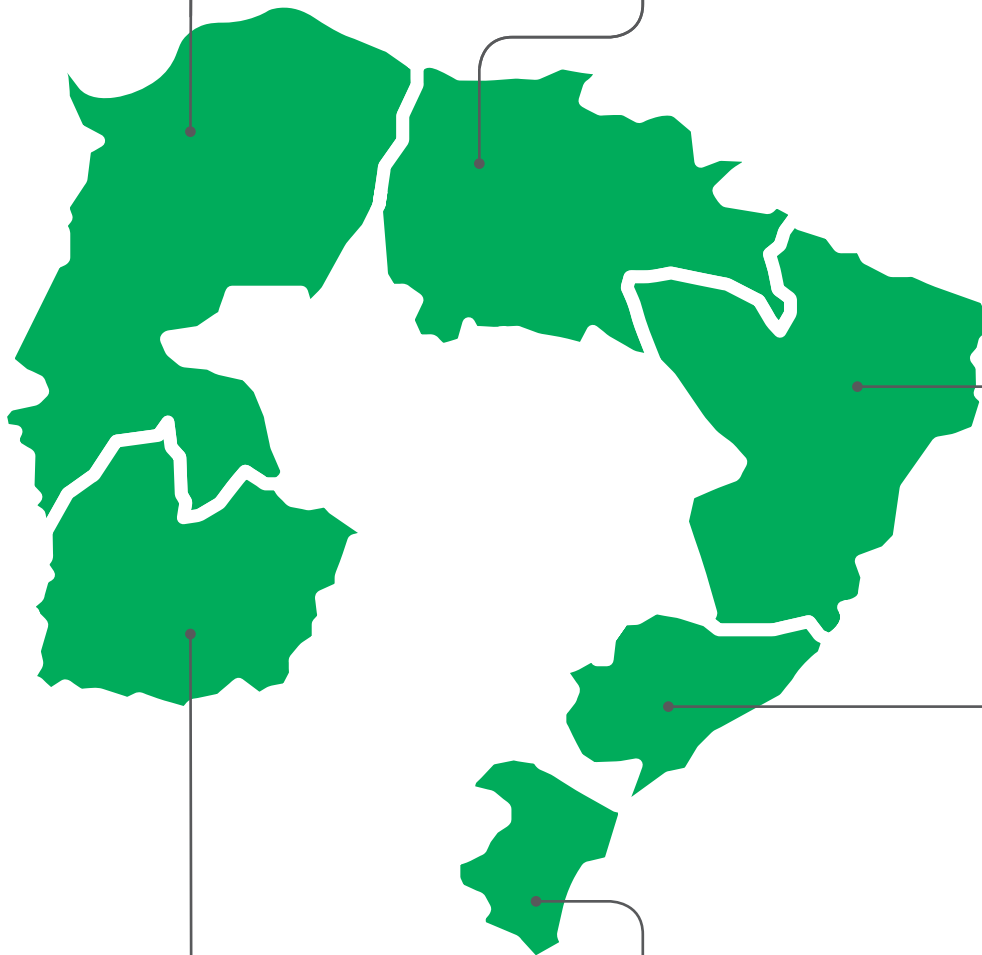
Proficiência Média	542,3
% de Participação	84,5
Alunos Efetivos	837
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,1

NORTE

Proficiência Média	566,2
% de Participação	85,5
Alunos Efetivos	861
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,9

LESTE

Proficiência Média	569,2
% de Participação	86,3
Alunos Efetivos	1.048
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,6

**OESTE**

Proficiência Média	571,0
% de Participação	88,0
Alunos Efetivos	601
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,6

SUL

Proficiência Média	581,6
% de Participação	84,6
Alunos Efetivos	865
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	6,2

SUDESTE

Proficiência Média	567,6
% de Participação	88,1
Alunos Efetivos	911
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	6,0

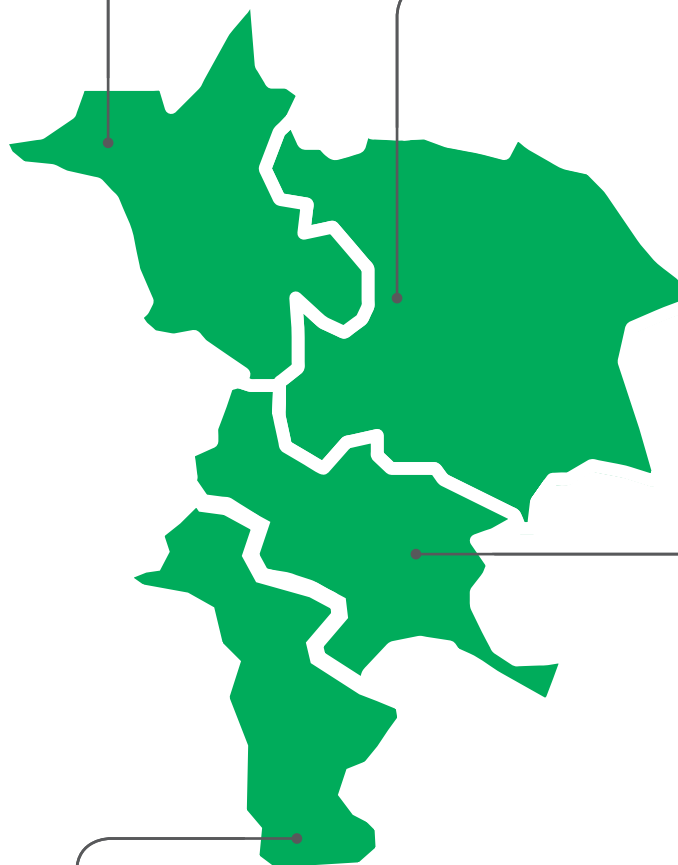
LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



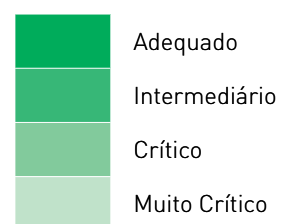
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	567,5
% de Participação	86,7
Alunos Efetivos	908
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,5

CENTRAL	
Proficiência Média	573,3
% de Participação	85,4
Alunos Efetivos	3.134
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,8

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	576,7
% de Participação	89,1
Alunos Efetivos	1.955
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	6,0

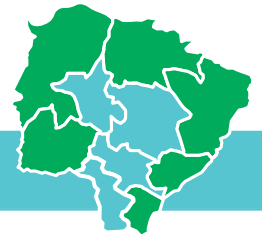


SUDESTE	
Proficiência Média	568,7
% de Participação	86,2
Alunos Efetivos	1.602
Padrão de Desempenho	Adequado
Nota da média da redação	5,8



RESULTADO GERAL

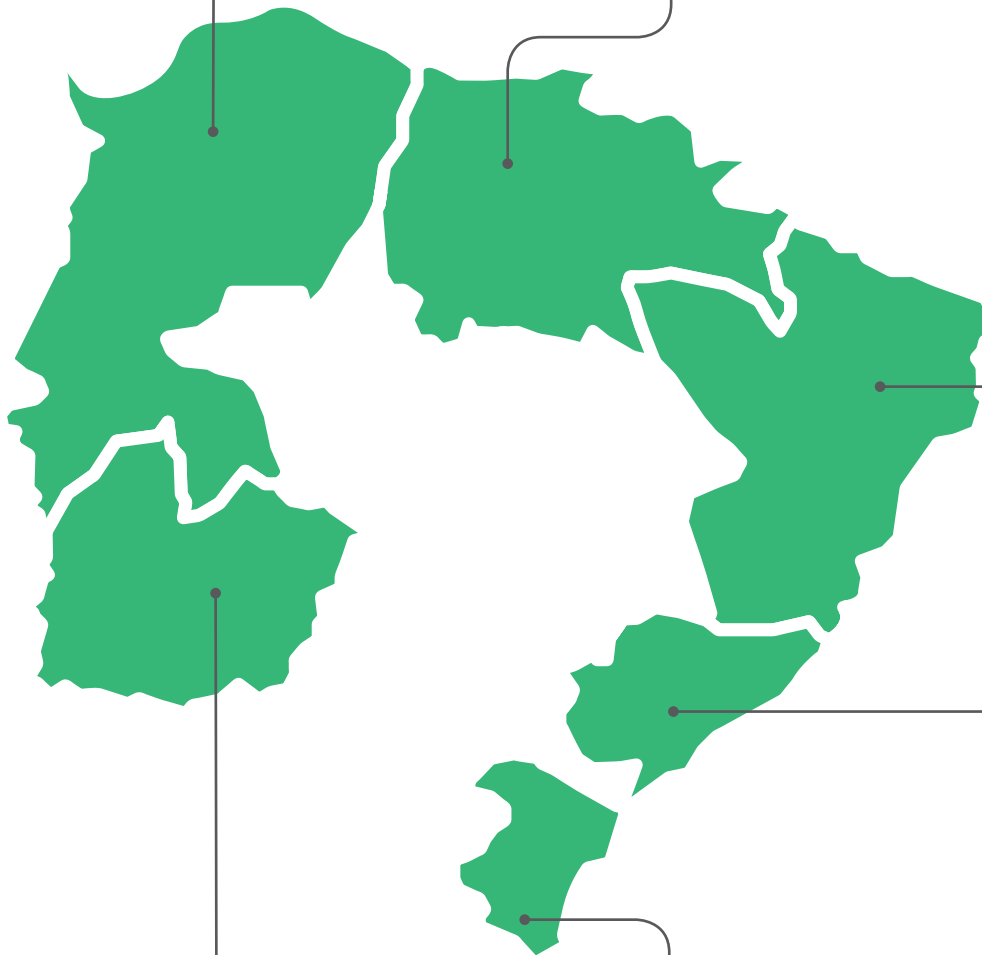
Proficiência Média	207,8
% de Participação	84,8
Alunos Efetivos	11.037
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,8

**LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NOROESTE	
Proficiência Média	197,7
% de Participação	84,0
Alunos Efetivos	946
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,8

NORTE	
Proficiência Média	204,1
% de Participação	79,6
Alunos Efetivos	716
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,6

LESTE	
Proficiência Média	207,4
% de Participação	87,5
Alunos Efetivos	1.044
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,4



OESTE	
Proficiência Média	212,1
% de Participação	89,7
Alunos Efetivos	479
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,7

SUL	
Proficiência Média	210,9
% de Participação	86,7
Alunos Efetivos	772
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,4

SUDESTE	
Proficiência Média	200,1
% de Participação	86,8
Alunos Efetivos	804
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,4

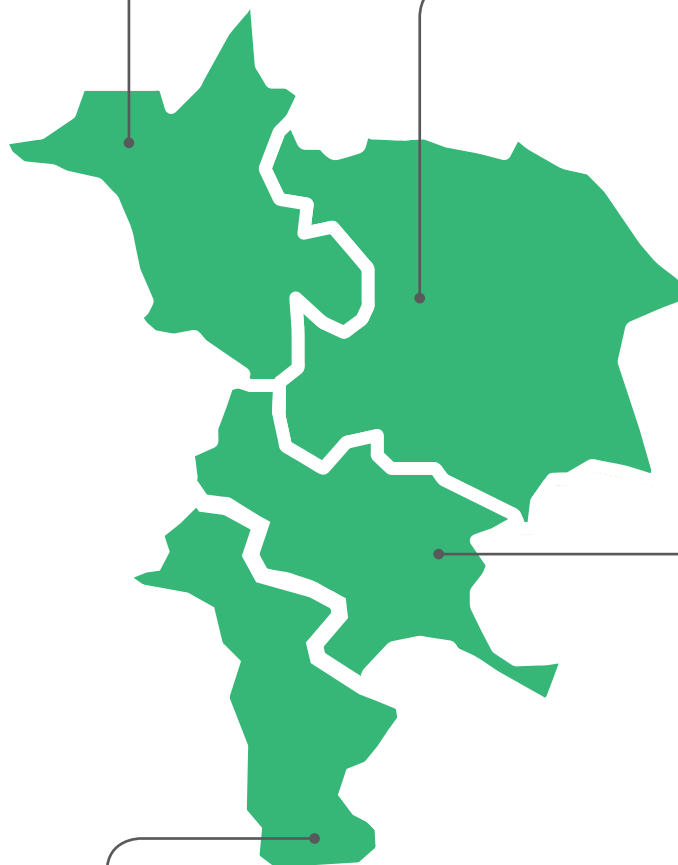
LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



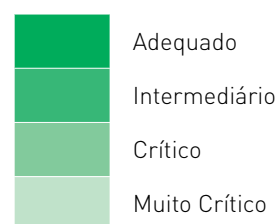
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	209,4
% de Participação	80,9
Alunos Efetivos	720
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	6,0

CENTRAL	
Proficiência Média	209,8
% de Participação	82,9
Alunos Efetivos	2.493
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	6,2

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	210,6
% de Participação	87,0
Alunos Efetivos	1.724
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,8



SUDESTE	
Proficiência Média	210,2
% de Participação	85,2
Alunos Efetivos	1.339
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	6,0



RESULTADO GERAL

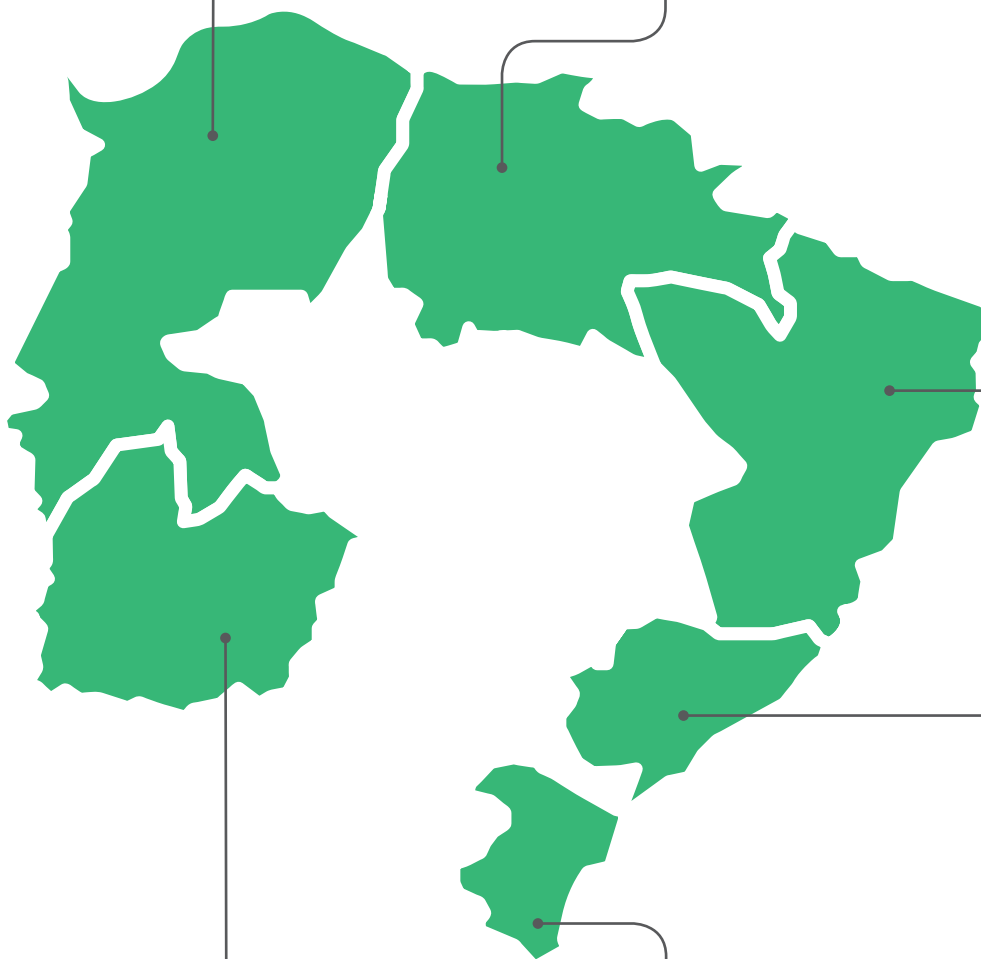
Proficiência Média	235,2
% de Participação	71,8
Alunos Efetivos	16.998
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,8

**LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NOROESTE	
Proficiência Média	229,3
% de Participação	72,4
Alunos Efetivos	1.000
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,1

NORTE	
Proficiência Média	233,7
% de Participação	70,9
Alunos Efetivos	1.351
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,8

LESTE	
Proficiência Média	230,9
% de Participação	69,9
Alunos Efetivos	2.052
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,7



OESTE	
Proficiência Média	237,1
% de Participação	76,6
Alunos Efetivos	888
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,6

SUL	
Proficiência Média	236,3
% de Participação	71,2
Alunos Efetivos	981
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,6

SUDESTE	
Proficiência Média	234,0
% de Participação	74,7
Alunos Efetivos	1.331
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,7

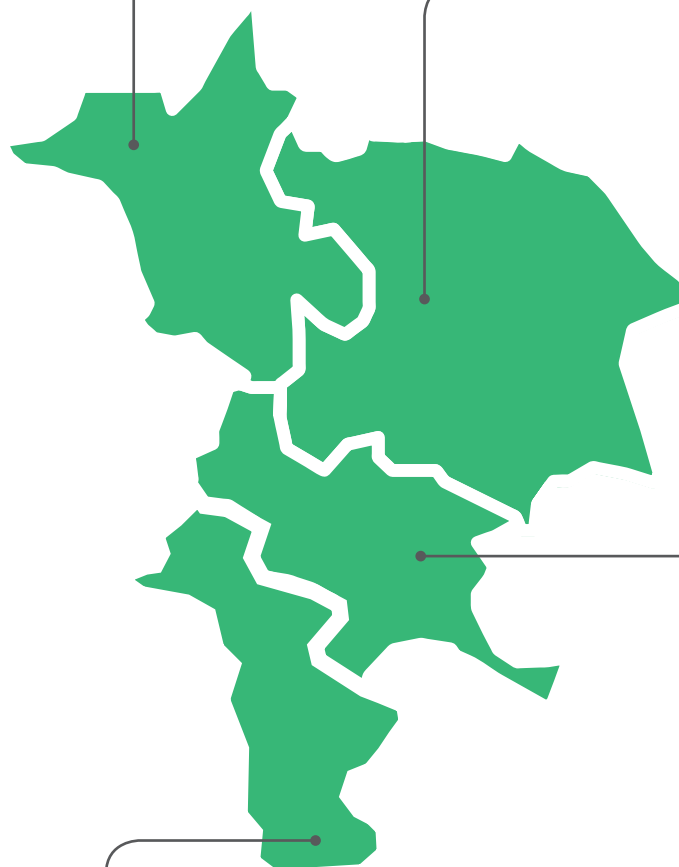
LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



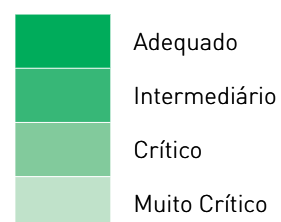
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	234,0
% de Participação	69,2
Alunos Efetivos	695
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,6

CENTRAL	
Proficiência Média	237,8
% de Participação	69,1
Alunos Efetivos	3.775
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	5,0

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	237,1
% de Participação	75,0
Alunos Efetivos	3.033
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,9



SUDESTE	
Proficiência Média	235,6
% de Participação	72,2
Alunos Efetivos	1.892
Padrão de Desempenho	Intermediário
Nota da média da redação	4,8



RESULTADO GERAL

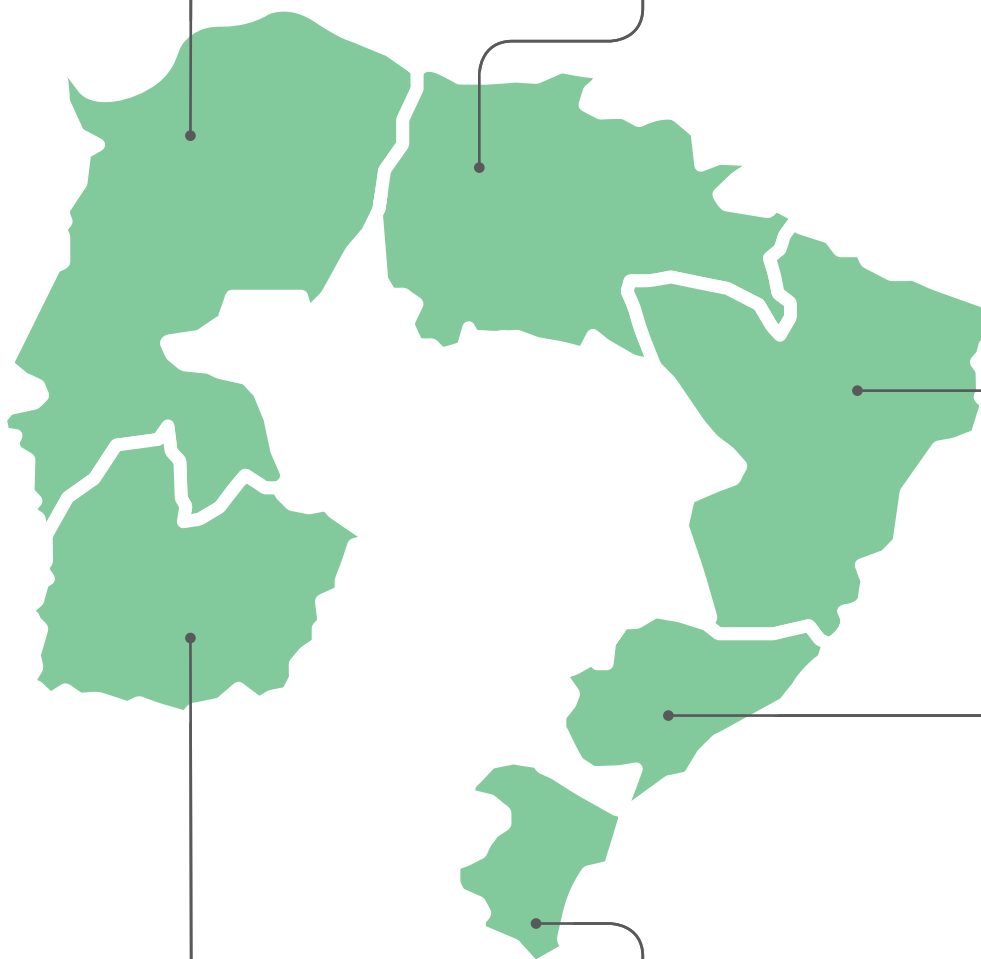
Proficiência Média	254,3
% de Participação	60,8
Alunos Efetivos	23.664
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,9

**LÍNGUA PORTUGUESA - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

NOROESTE	
Proficiência Média	244,9
% de Participação	59,7
Alunos Efetivos	1.498
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,9

NORTE	
Proficiência Média	254,7
% de Participação	62,4
Alunos Efetivos	1.528
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,0

LESTE	
Proficiência Média	253,0
% de Participação	59,4
Alunos Efetivos	2.016
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,9



OESTE	
Proficiência Média	253,8
% de Participação	63,8
Alunos Efetivos	1.181
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,2

SUL	
Proficiência Média	252,1
% de Participação	63,4
Alunos Efetivos	1.268
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,4

SUDESTE	
Proficiência Média	254,1
% de Participação	68,6
Alunos Efetivos	1.333
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,7

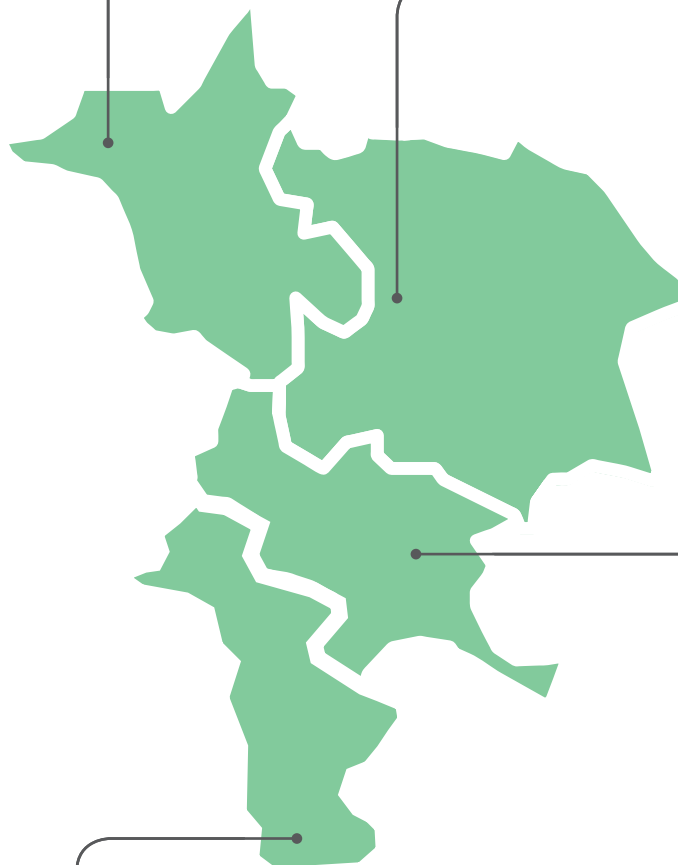
LÍNGUA PORTUGUESA - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO



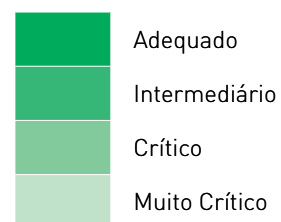
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	249,4
% de Participação	60,4
Alunos Efetivos	843
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,0

CENTRAL	
Proficiência Média	257,2
% de Participação	58,7
Alunos Efetivos	8.551
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,0

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	253,9
% de Participação	61,7
Alunos Efetivos	3.479
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,7



SUDESTE	
Proficiência Média	254,3
% de Participação	62,1
Alunos Efetivos	1.967
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,6



RESULTADO GERAL

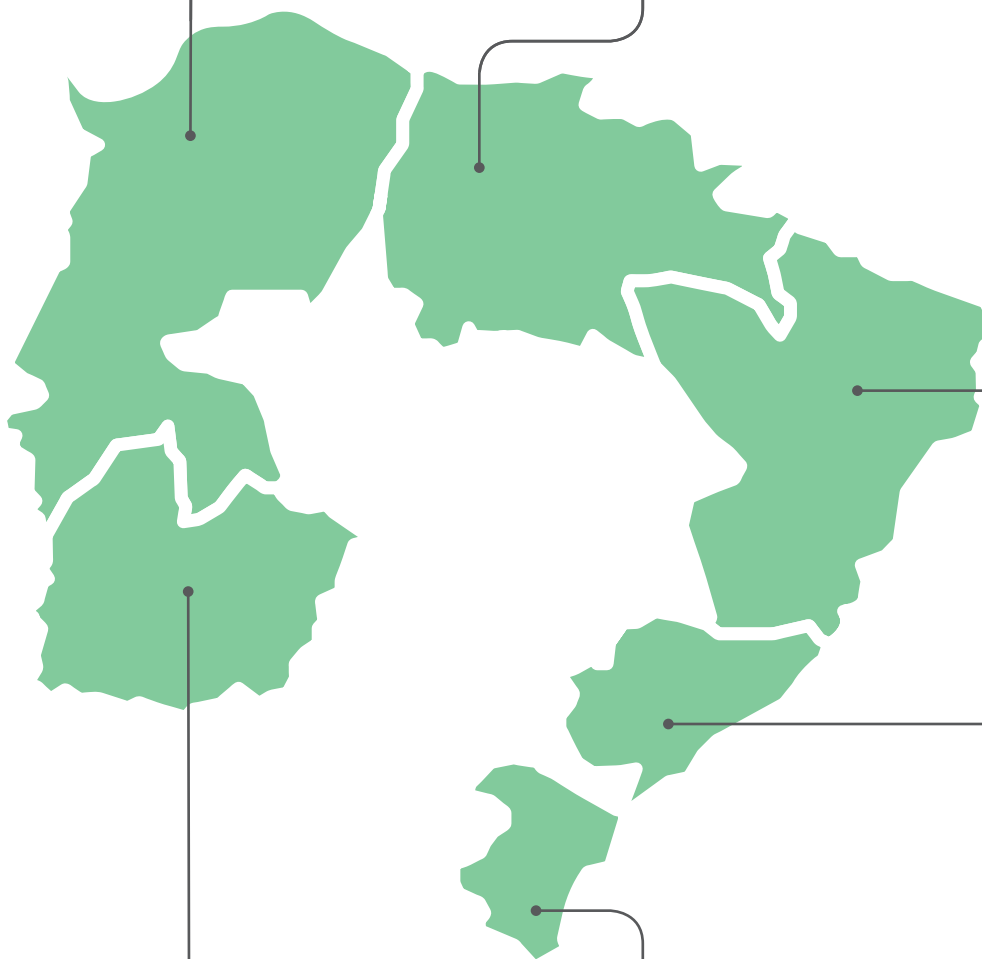
Proficiência Média	236,1
% de Participação	37,5
Alunos Efetivos	3.559
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,9

**LÍNGUA PORTUGUESA - 1ª FASE DO ENSINO MÉDIO DA EJA**

NOROESTE	
Proficiência Média	232,9
% de Participação	35,3
Alunos Efetivos	420
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,6

NORTE	
Proficiência Média	239,5
% de Participação	36,4
Alunos Efetivos	234
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,9

LESTE	
Proficiência Média	232,2
% de Participação	40,5
Alunos Efetivos	278
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,6



OESTE	
Proficiência Média	236,9
% de Participação	39,7
Alunos Efetivos	190
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,5

SUL	
Proficiência Média	232,5
% de Participação	41,0
Alunos Efetivos	220
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,3

SUDESTE	
Proficiência Média	230,8
% de Participação	44,7
Alunos Efetivos	205
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,1

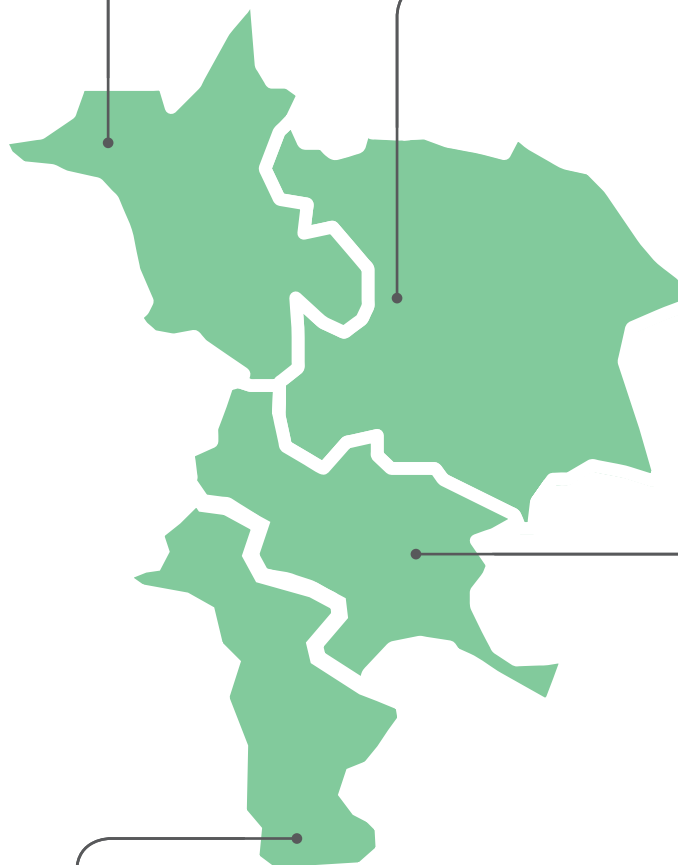
LÍNGUA PORTUGUESA - 1ª FASE DO ENSINO MÉDIO DA EJA



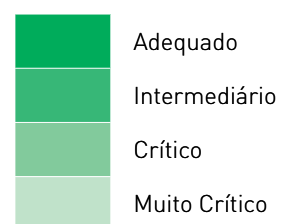
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	232,8
% de Participação	40,7
Alunos Efetivos	192
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,1

CENTRAL	
Proficiência Média	243,2
% de Participação	41,4
Alunos Efetivos	984
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	6,1

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	232,2
% de Participação	32,4
Alunos Efetivos	574
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,9



SUDESTE	
Proficiência Média	232,6
% de Participação	29,8
Alunos Efetivos	262
Padrão de Desempenho	Crítico
Nota da média da redação	5,8



RESULTADO GERAL

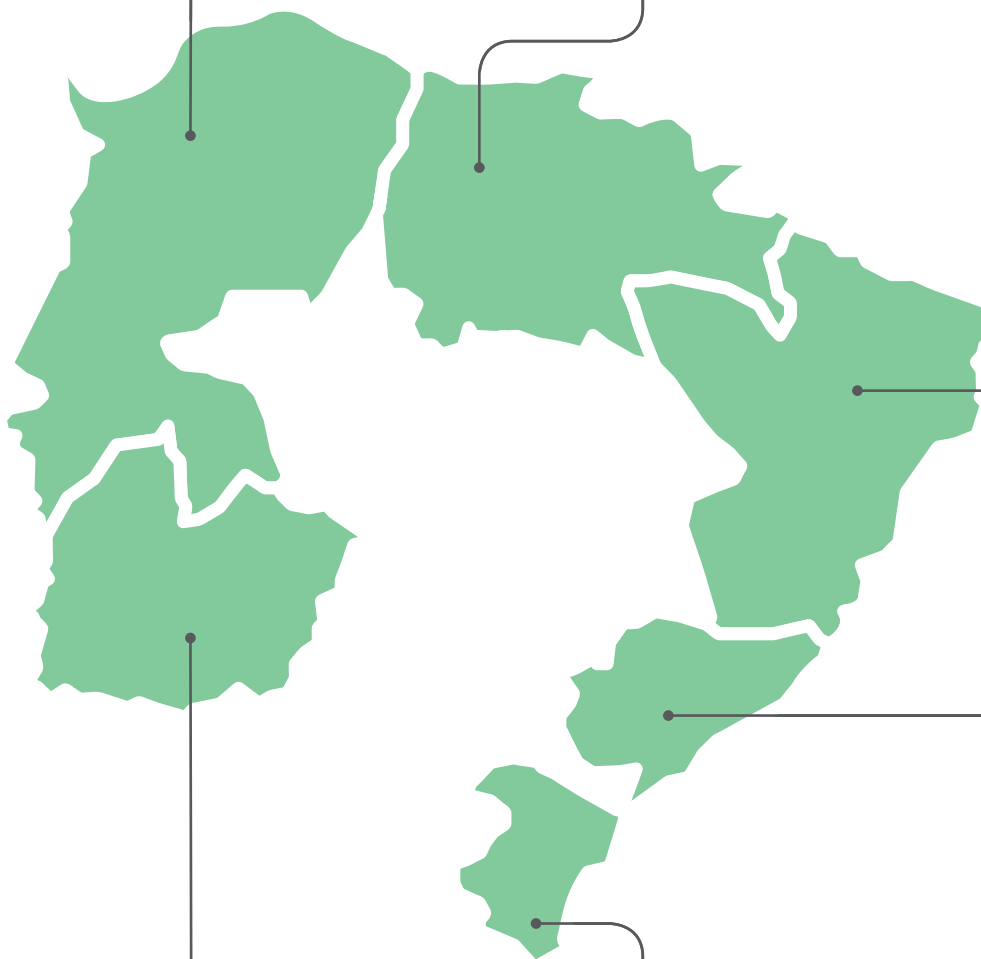
Proficiência Média	276,6
% de Participação	64,3
Alunos Efetivos	13.501
Padrão de Desempenho	Crítico

**LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

NOROESTE	
Proficiência Média	264,7
% de Participação	61,3
Alunos Efetivos	724
Padrão de Desempenho	Crítico

NORTE	
Proficiência Média	280,6
% de Participação	68,2
Alunos Efetivos	924
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE	
Proficiência Média	275,4
% de Participação	67,6
Alunos Efetivos	1.179
Padrão de Desempenho	Crítico



OESTE	
Proficiência Média	275,9
% de Participação	65,8
Alunos Efetivos	652
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL	
Proficiência Média	268,8
% de Participação	59,6
Alunos Efetivos	702
Padrão de Desempenho	Crítico

SUDESTE	
Proficiência Média	271,7
% de Participação	70,1
Alunos Efetivos	897
Padrão de Desempenho	Crítico

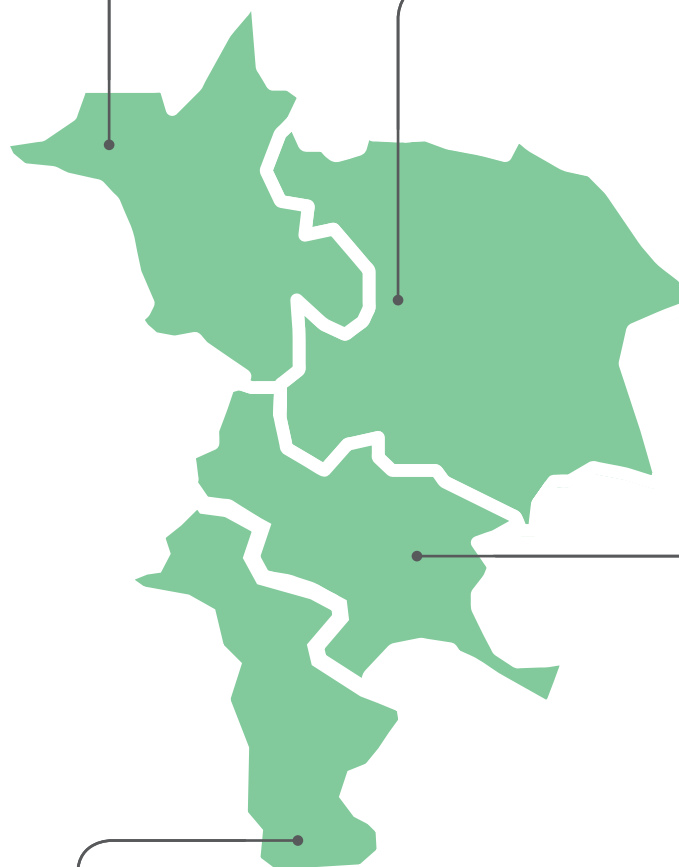
LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO



CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	265,0
% de Participação	61,9
Alunos Efetivos	581
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	280,8
% de Participação	61,7
Alunos Efetivos	4.694
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	279,2
% de Participação	68,1
Alunos Efetivos	2.035
Padrão de Desempenho	Crítico

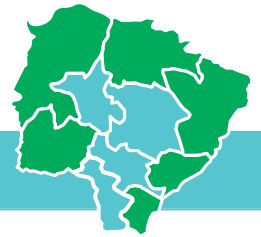


SUDESTE	
Proficiência Média	275,8
% de Participação	63,5
Alunos Efetivos	1.113
Padrão de Desempenho	Crítico



RESULTADO GERAL

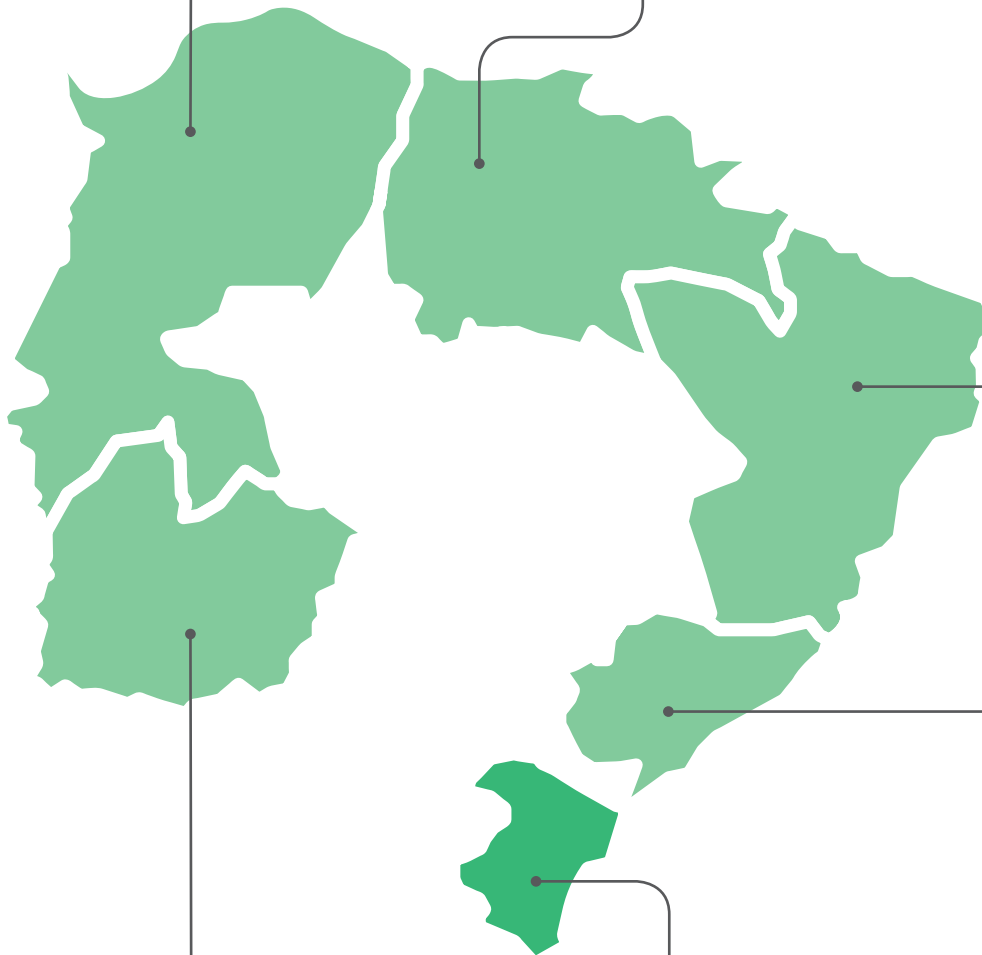
Proficiência Média	766,4
% de Participação	86,3
Alunos Efetivos	11.827
Padrão de Desempenho	Crítico

**MATEMÁTICA - 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

NOROESTE	
Proficiência Média	748,3
% de Participação	76,4
Alunos Efetivos	783
Padrão de Desempenho	Crítico

NORTE	
Proficiência Média	769,4
% de Participação	90,7
Alunos Efetivos	896
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE	
Proficiência Média	771,4
% de Participação	88,1
Alunos Efetivos	914
Padrão de Desempenho	Crítico



OESTE	
Proficiência Média	763,6
% de Participação	82,8
Alunos Efetivos	477
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL	
Proficiência Média	775,3
% de Participação	86,4
Alunos Efetivos	1.032
Padrão de Desempenho	Intermediário

SUDESTE	
Proficiência Média	769,5
% de Participação	86,3
Alunos Efetivos	815
Padrão de Desempenho	Crítico

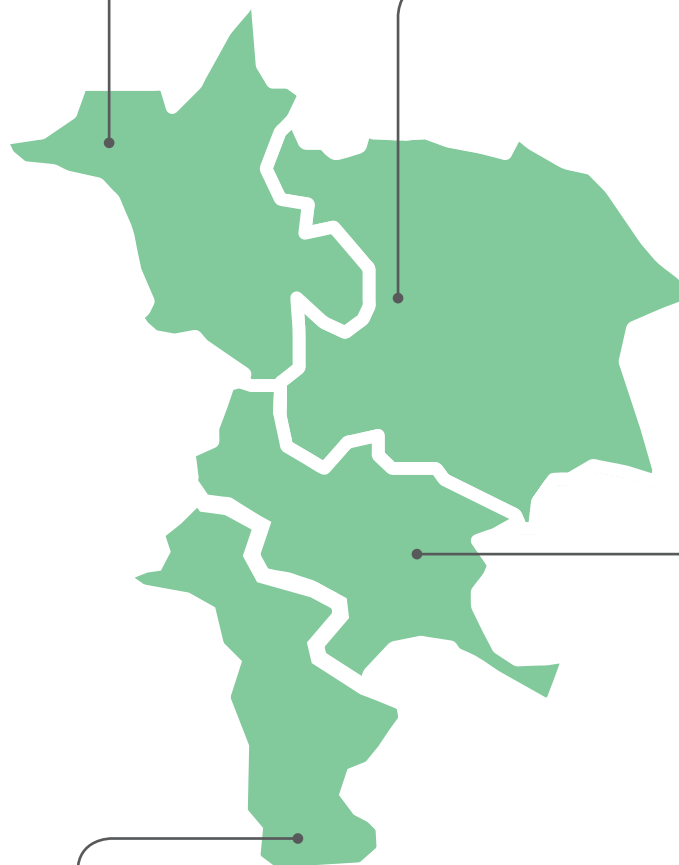
MATEMÁTICA - 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



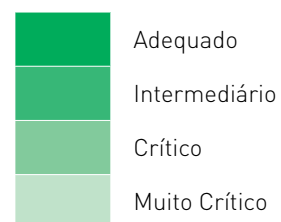
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	756,8
% de Participação	86,6
Alunos Efetivos	1.008
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	765,0
% de Participação	84,8
Alunos Efetivos	2.459
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	771,9
% de Participação	89,5
Alunos Efetivos	1.851
Padrão de Desempenho	Crítico

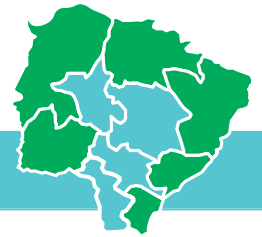


SUDESTE	
Proficiência Média	766,1
% de Participação	88,4
Alunos Efetivos	1.592
Padrão de Desempenho	Crítico



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	766,3
% de Participação	87,7
Alunos Efetivos	12.100
Padrão de Desempenho	Crítico



MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NOROESTE

Proficiência Média	752,8
% de Participação	84,3
Alunos Efetivos	883
Padrão de Desempenho	Crítico

NORTE

Proficiência Média	761,8
% de Participação	88,6
Alunos Efetivos	917
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE

Proficiência Média	771,0
% de Participação	88,1
Alunos Efetivos	964
Padrão de Desempenho	Crítico

OESTE

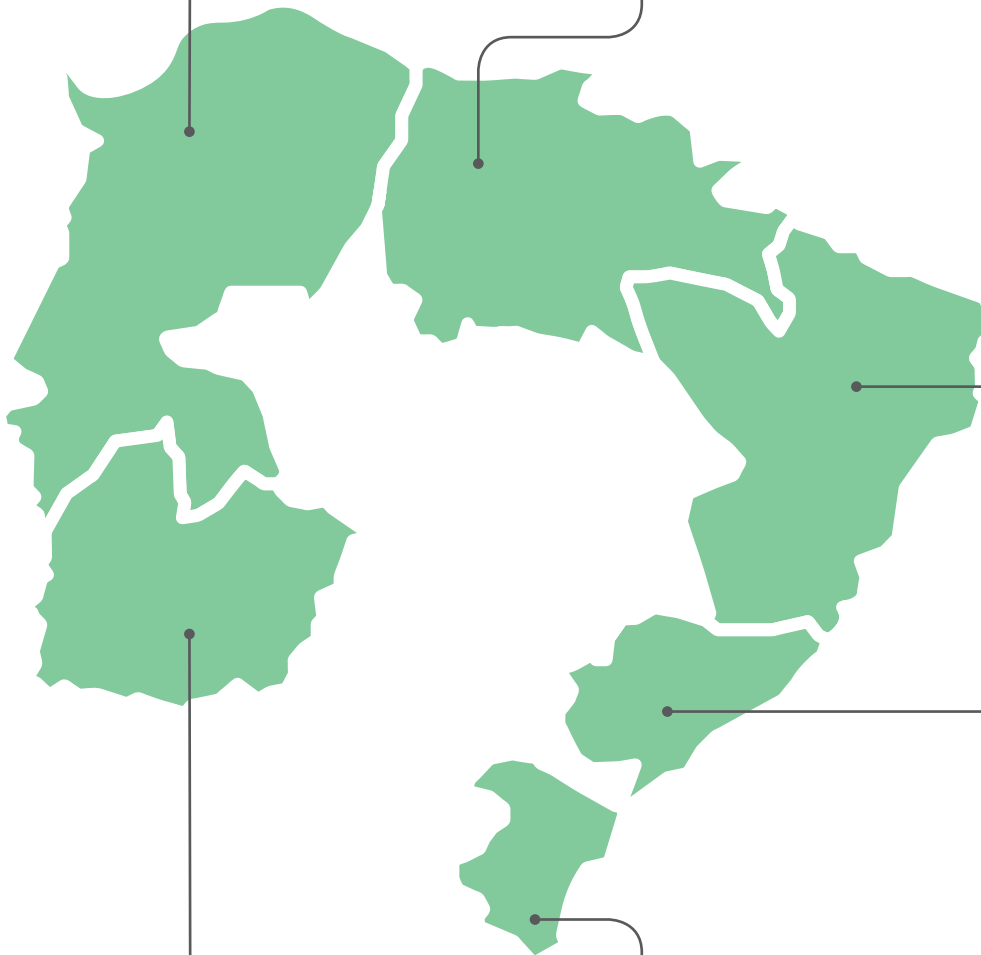
Proficiência Média	773,2
% de Participação	86,9
Alunos Efetivos	591
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL

Proficiência Média	776,6
% de Participação	84,6
Alunos Efetivos	826
Padrão de Desempenho	Crítico

SUDESTE

Proficiência Média	761,3
% de Participação	90,1
Alunos Efetivos	890
Padrão de Desempenho	Crítico



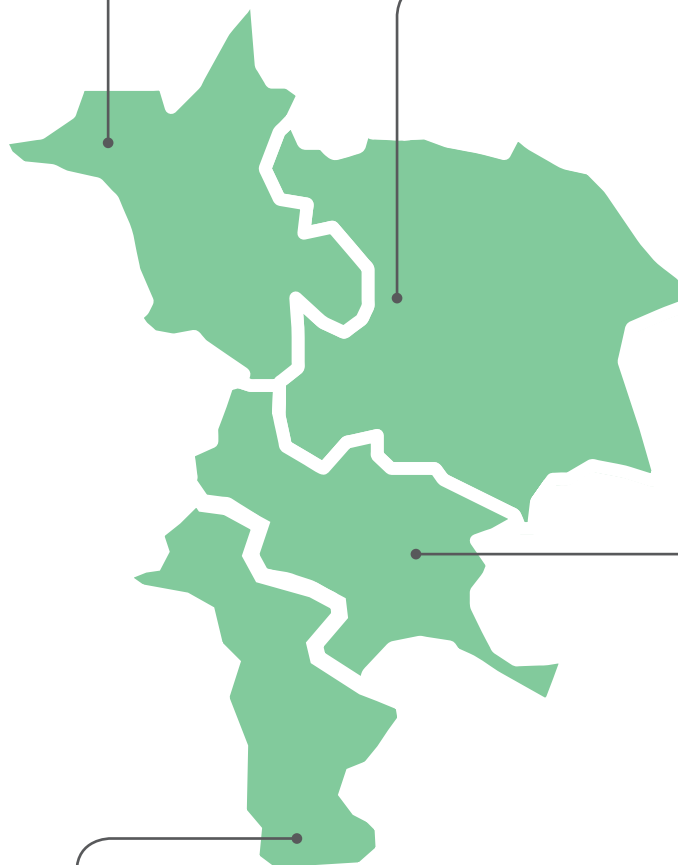
MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



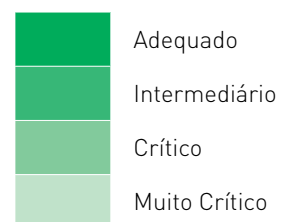
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	761,4
% de Participação	87,4
Alunos Efetivos	946
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	761,5
% de Participação	88,0
Alunos Efetivos	2.748
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	774,9
% de Participação	87,9
Alunos Efetivos	1.779
Padrão de Desempenho	Crítico

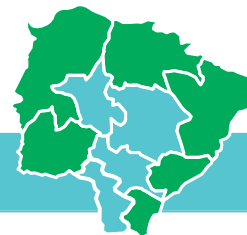


SUDESTE	
Proficiência Média	769,9
% de Participação	89,0
Alunos Efetivos	1.556
Padrão de Desempenho	Crítico



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	800,8
% de Participação	89,2
Alunos Efetivos	13.050
Padrão de Desempenho	Crítico

**MATEMÁTICA - 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL****NOROESTE**

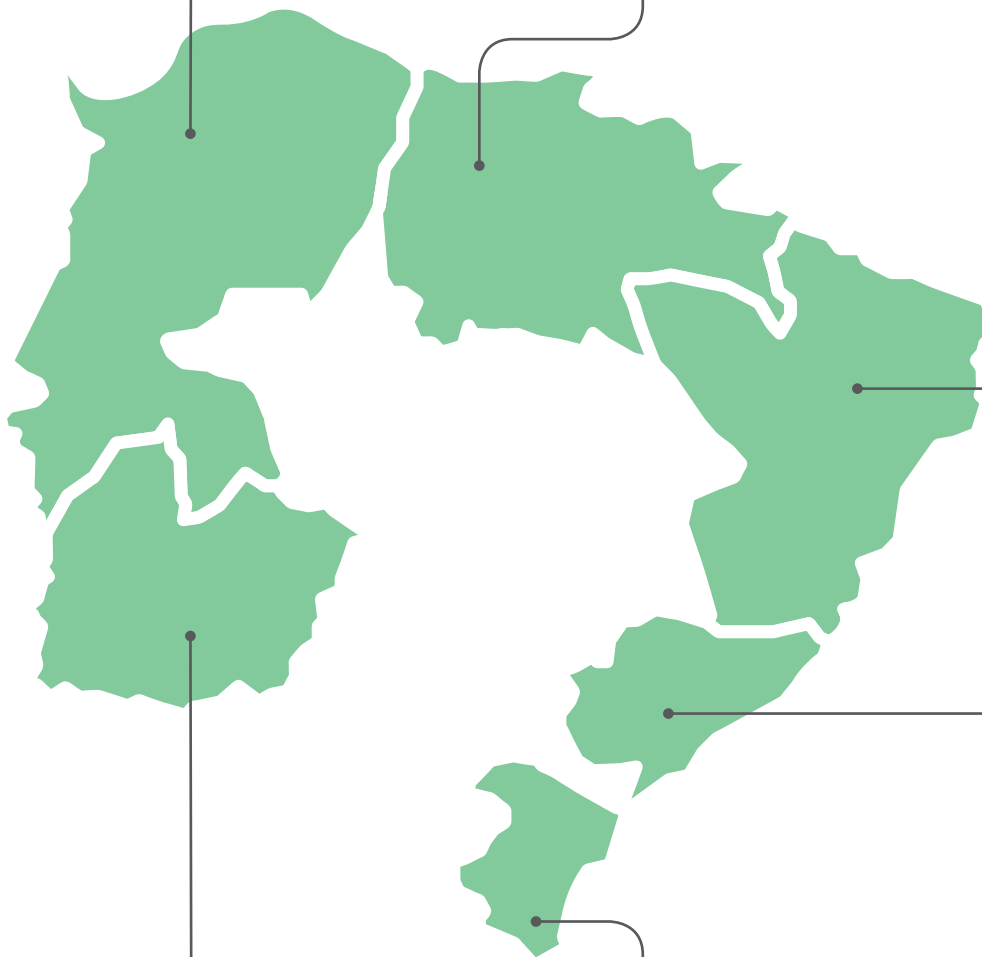
Proficiência Média	782,6
% de Participação	87,8
Alunos Efetivos	866
Padrão de Desempenho	Crítico

NORTE

Proficiência Média	797,5
% de Participação	89,6
Alunos Efetivos	905
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE

Proficiência Média	805,7
% de Participação	88,5
Alunos Efetivos	1.091
Padrão de Desempenho	Crítico

**OESTE**

Proficiência Média	800,3
% de Participação	89,0
Alunos Efetivos	597
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL

Proficiência Média	810,2
% de Participação	89,4
Alunos Efetivos	900
Padrão de Desempenho	Crítico

SUDESTE

Proficiência Média	802,1
% de Participação	88,0
Alunos Efetivos	920
Padrão de Desempenho	Crítico

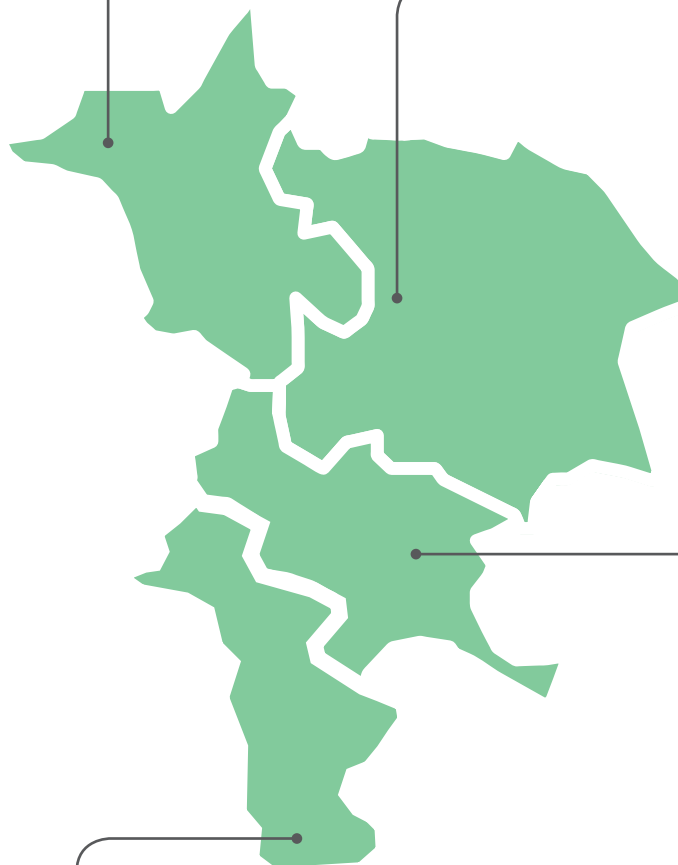
MATEMÁTICA - 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



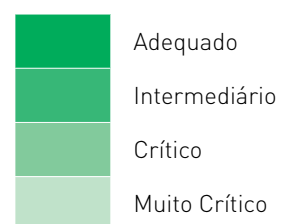
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	799,2
% de Participação	88,9
Alunos Efetivos	920
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	798,6
% de Participação	88,4
Alunos Efetivos	3.216
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	806,2
% de Participação	90,7
Alunos Efetivos	1.969
Padrão de Desempenho	Crítico

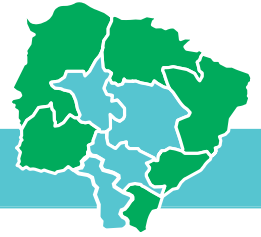


SUDESTE	
Proficiência Média	802,2
% de Participação	90,7
Alunos Efetivos	1.666
Padrão de Desempenho	Crítico



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	224,1
% de Participação	86,9
Alunos Efetivos	11.324
Padrão de Desempenho	Crítico

**MATEMÁTICA - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL****NOROESTE**

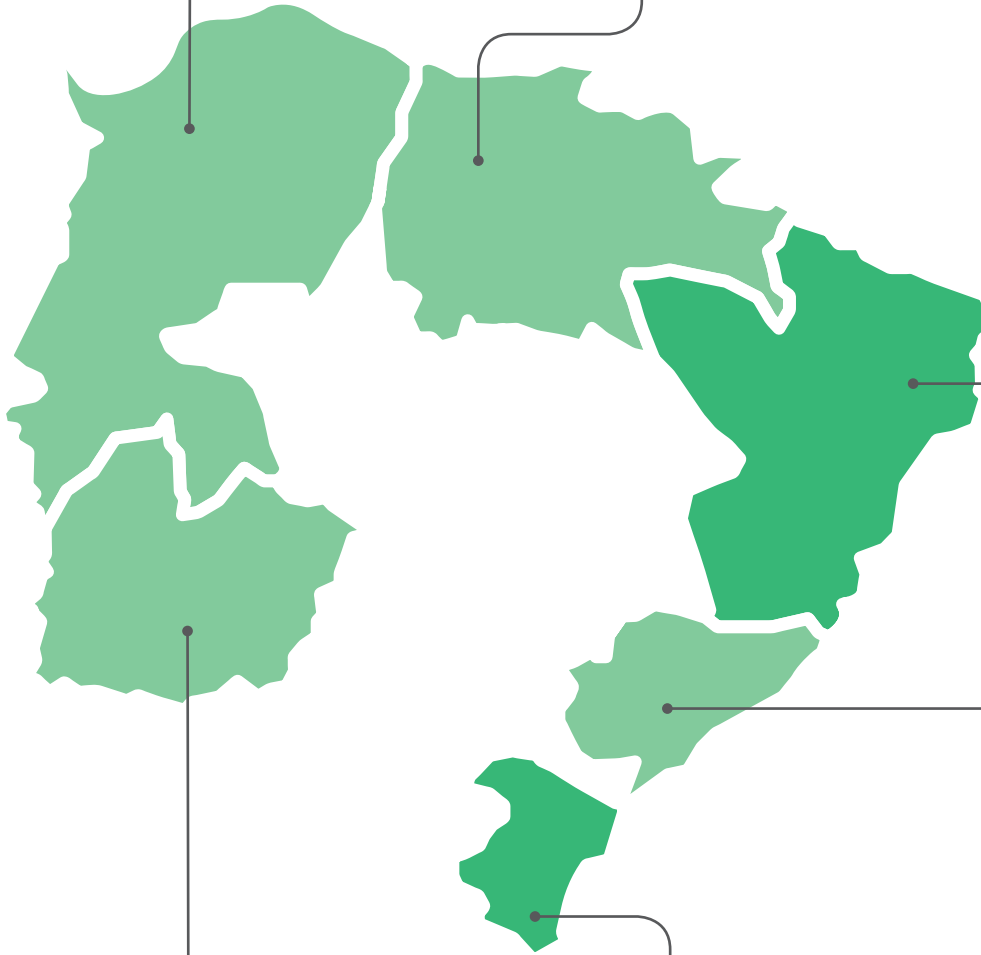
Proficiência Média	211,2
% de Participação	83,7
Alunos Efetivos	947
Padrão de Desempenho	Crítico

NORTE

Proficiência Média	218,7
% de Participação	85,5
Alunos Efetivos	773
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE

Proficiência Média	225,9
% de Participação	88,9
Alunos Efetivos	1.065
Padrão de Desempenho	Intermediário

**OESTE**

Proficiência Média	224,2
% de Participação	89,6
Alunos Efetivos	484
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL

Proficiência Média	232,8
% de Participação	89,4
Alunos Efetivos	802
Padrão de Desempenho	Intermediário

SUDESTE

Proficiência Média	217,9
% de Participação	87,6
Alunos Efetivos	819
Padrão de Desempenho	Crítico

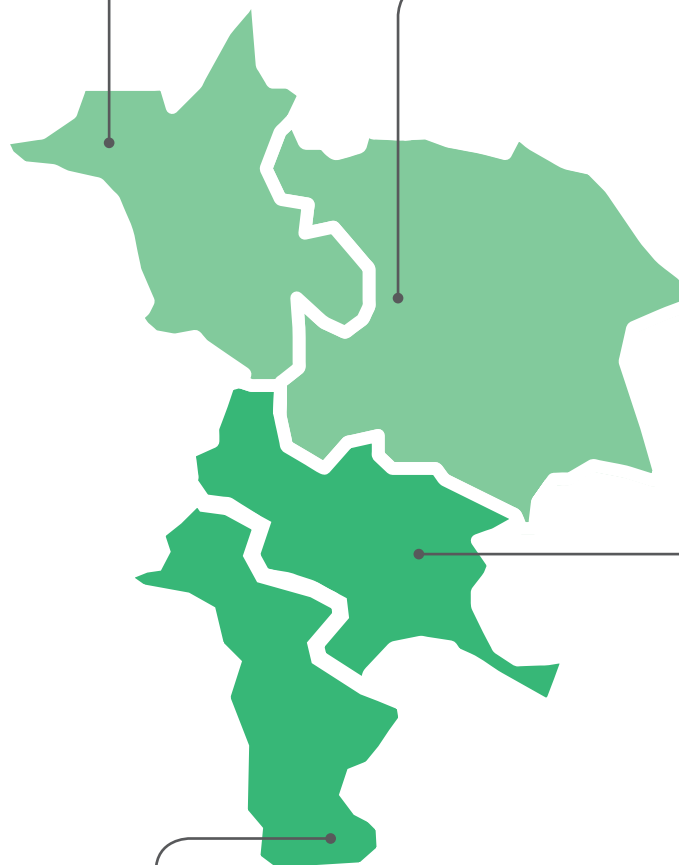
MATEMÁTICA - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



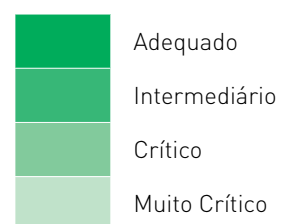
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	220,3
% de Participação	83,2
Alunos Efetivos	733
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	224,5
% de Participação	85,8
Alunos Efetivos	2.574
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	229,8
% de Participação	88,1
Alunos Efetivos	1.750
Padrão de Desempenho	Intermediário

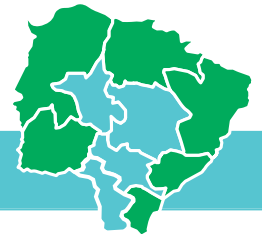


SUDESTE	
Proficiência Média	227,6
% de Participação	88,0
Alunos Efetivos	1.377
Padrão de Desempenho	Intermediário



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	241,8
% de Participação	73,5
Alunos Efetivos	17.242
Padrão de Desempenho	Crítico



MATEMÁTICA - 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NOROESTE

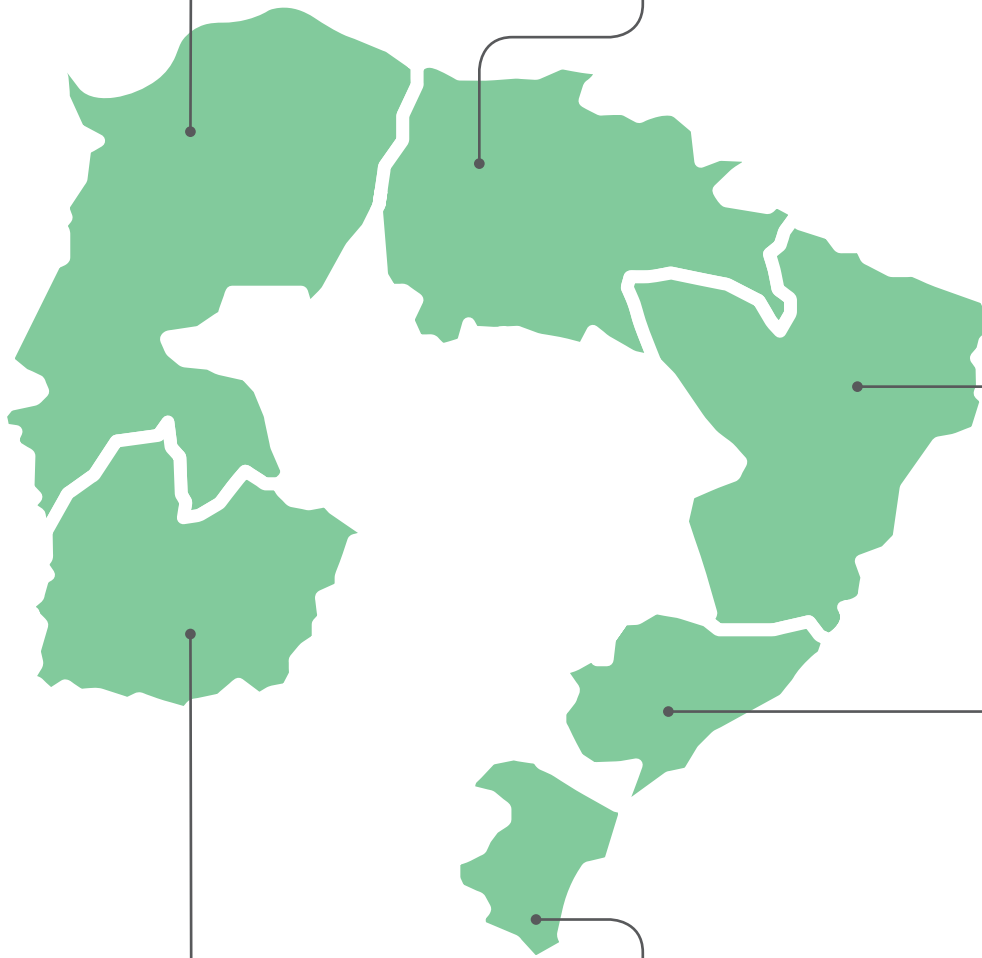
Proficiência Média	236,0
% de Participação	69,8
Alunos Efetivos	948
Padrão de Desempenho	Crítico

NORTE

Proficiência Média	241,6
% de Participação	77,0
Alunos Efetivos	1.450
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE

Proficiência Média	239,5
% de Participação	72,2
Alunos Efetivos	2.097
Padrão de Desempenho	Crítico



OESTE

Proficiência Média	240,4
% de Participação	74,7
Alunos Efetivos	855
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL

Proficiência Média	243,5
% de Participação	74,8
Alunos Efetivos	1.025
Padrão de Desempenho	Crítico

SUDESTE

Proficiência Média	239,6
% de Participação	76,0
Alunos Efetivos	1.343
Padrão de Desempenho	Crítico

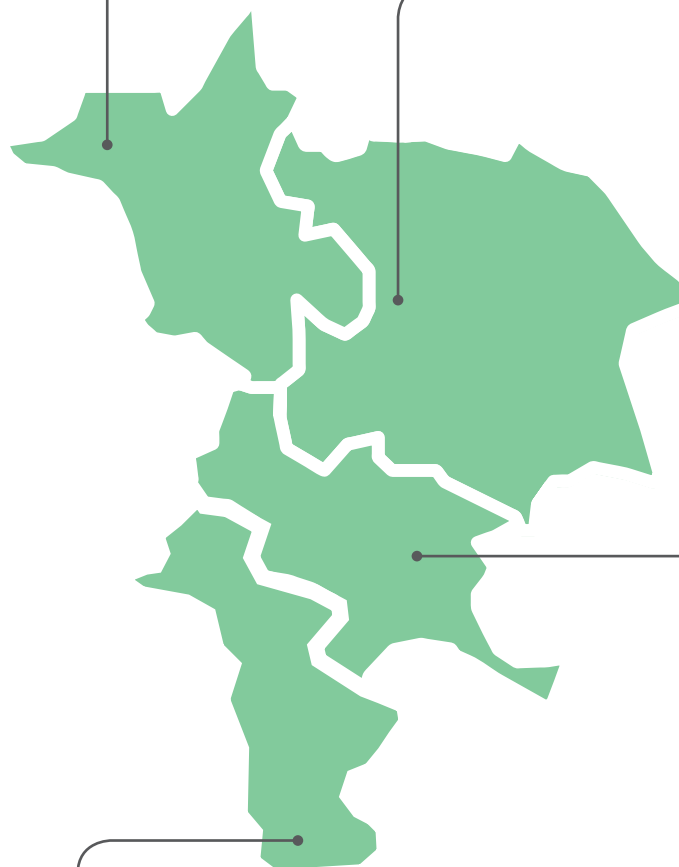
MATEMÁTICA - 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL



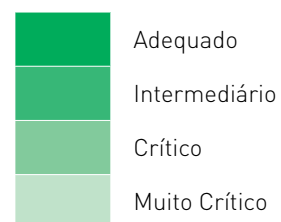
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	239,0
% de Participação	70,6
Alunos Efetivos	703
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	242,4
% de Participação	71,8
Alunos Efetivos	3.899
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	245,1
% de Participação	75,0
Alunos Efetivos	3.002
Padrão de Desempenho	Crítico

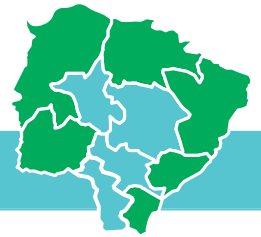


SUDESTE	
Proficiência Média	242,9
% de Participação	73,8
Alunos Efetivos	1.920
Padrão de Desempenho	Crítico



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	261,0
% de Participação	59,8
Alunos Efetivos	23.140
Padrão de Desempenho	Crítico

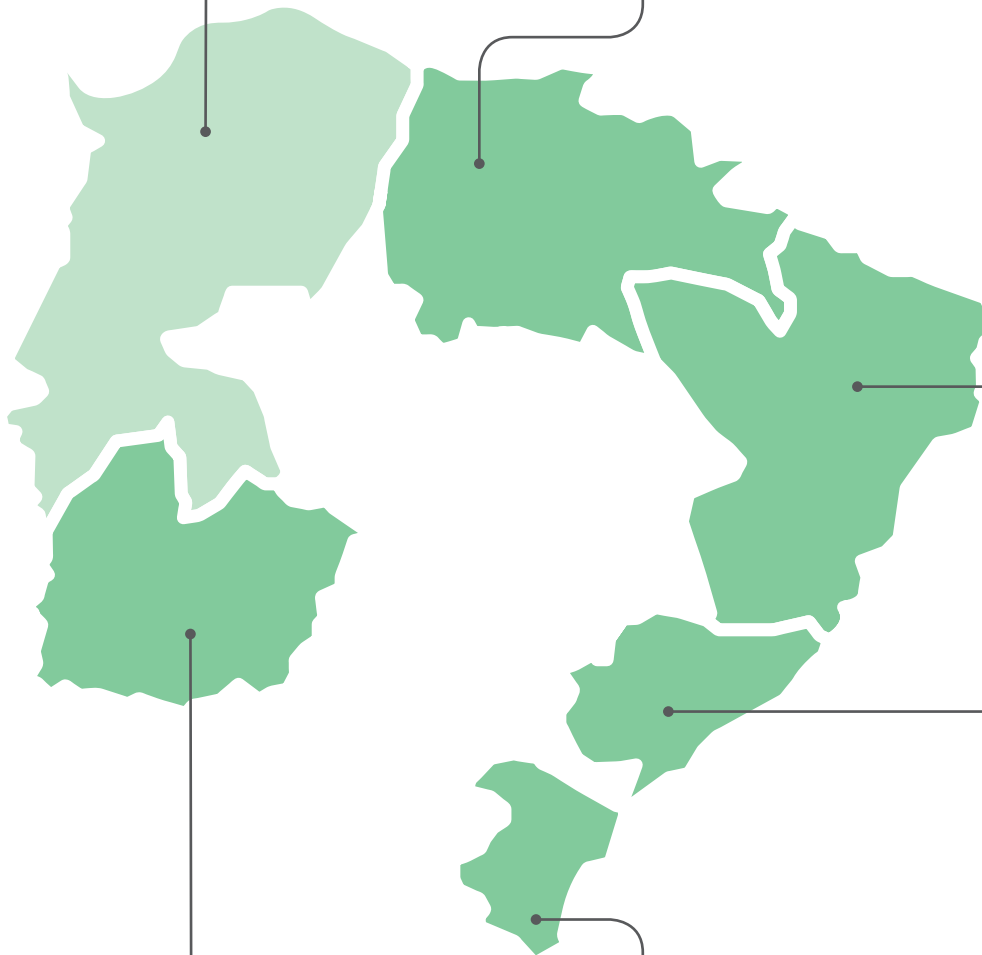


MATEMÁTICA - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

NOROESTE	
Proficiência Média	249,1
% de Participação	53,5
Alunos Efetivos	1.324
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

NORTE	
Proficiência Média	263,2
% de Participação	65,9
Alunos Efetivos	1.609
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE	
Proficiência Média	261,5
% de Participação	60,2
Alunos Efetivos	2.036
Padrão de Desempenho	Crítico



OESTE	
Proficiência Média	259,6
% de Participação	61,1
Alunos Efetivos	1.123
Padrão de Desempenho	Crítico

SUL	
Proficiência Média	260,6
% de Participação	57,2
Alunos Efetivos	1.139
Padrão de Desempenho	Crítico

SUDESTE	
Proficiência Média	259,9
% de Participação	67,7
Alunos Efetivos	1.305
Padrão de Desempenho	Crítico

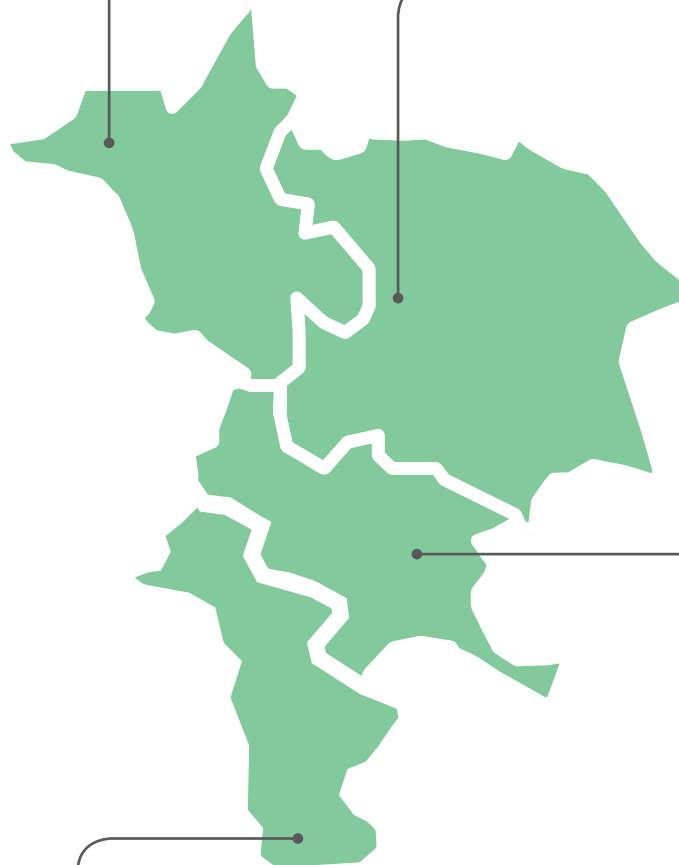
MATEMÁTICA - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO



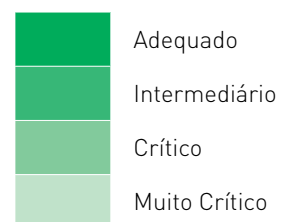
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	254,2
% de Participação	59,0
Alunos Efetivos	821
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	263,5
% de Participação	58,6
Alunos Efetivos	8.497
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	260,8
% de Participação	61,1
Alunos Efetivos	3.413
Padrão de Desempenho	Crítico

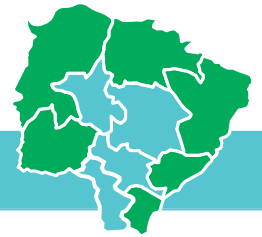


SUDESTE	
Proficiência Média	260,0
% de Participação	59,5
Alunos Efetivos	1.873
Padrão de Desempenho	Crítico



RESULTADO GERAL

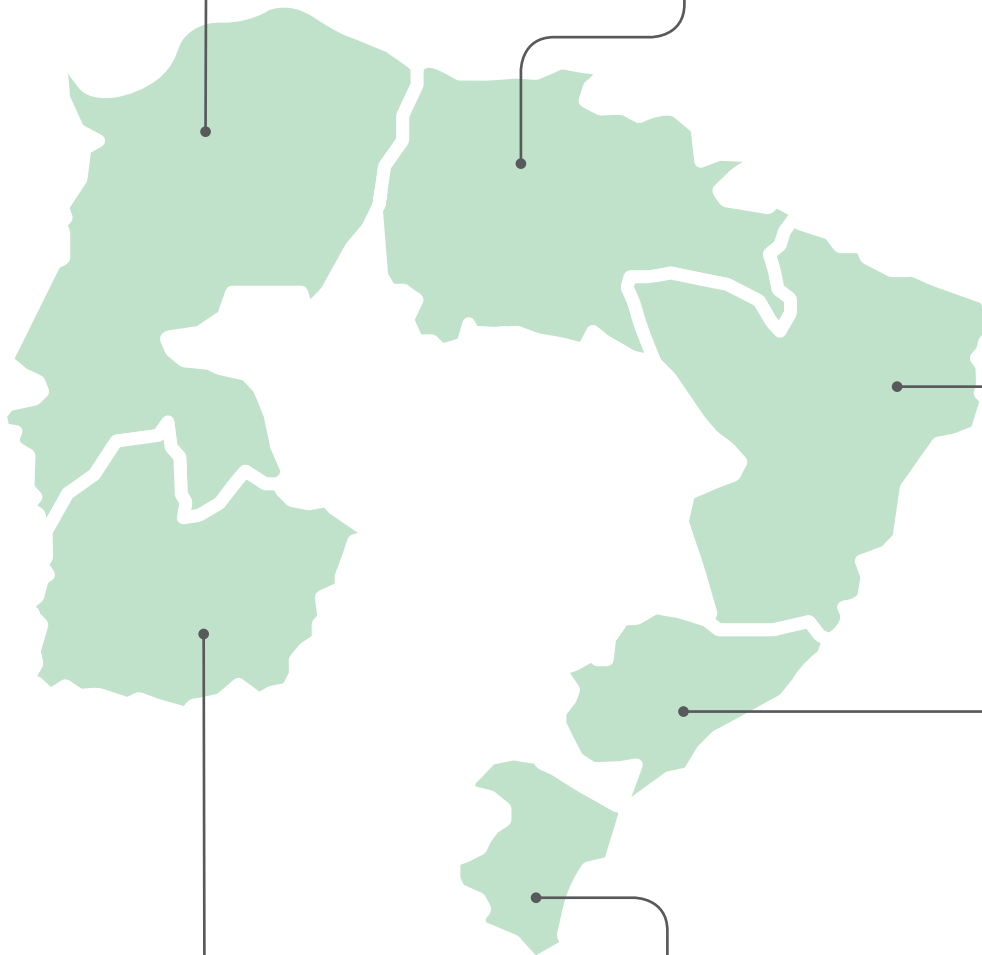
Proficiência Média	240,9
% de Participação	30,1
Alunos Efetivos	2.843
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

**MATEMÁTICA - 1ª FASE DO ENSINO MÉDIO DA EJA**

NOROESTE	
Proficiência Média	229,4
% de Participação	23,8
Alunos Efetivos	283
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

NORTE	
Proficiência Média	247,0
% de Participação	27,5
Alunos Efetivos	177
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

LESTE	
Proficiência Média	237,0
% de Participação	35,6
Alunos Efetivos	243
Padrão de Desempenho	Muito Crítico



OESTE	
Proficiência Média	240,4
% de Participação	32,5
Alunos Efetivos	152
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

SUL	
Proficiência Média	239,2
% de Participação	34,8
Alunos Efetivos	184
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

SUDESTE	
Proficiência Média	244,3
% de Participação	35,4
Alunos Efetivos	160
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

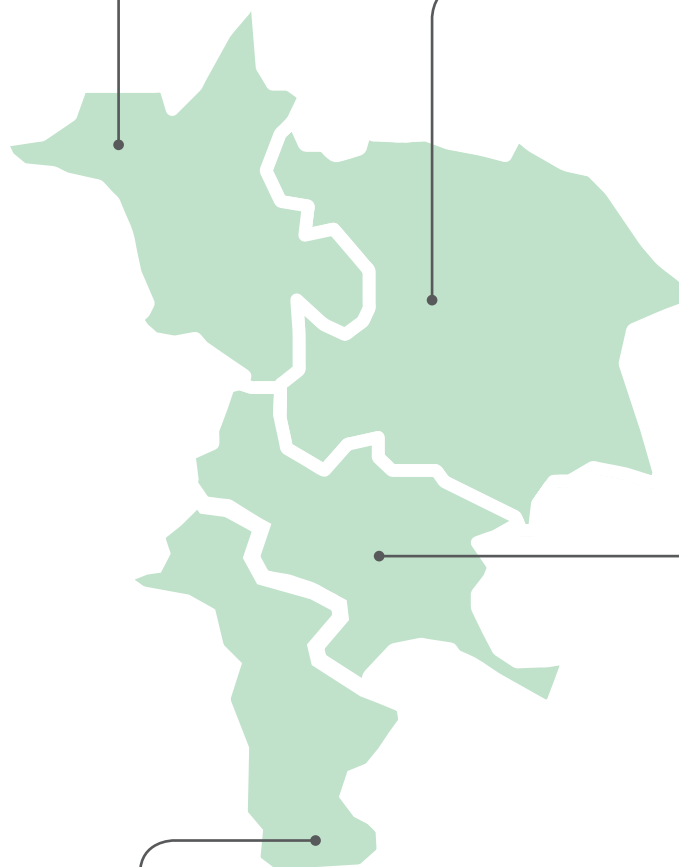


MATEMÁTICA - 1º FASE DO ENSINO MÉDIO DA EJA

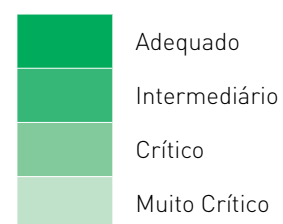
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	236,2
% de Participação	32,1
Alunos Efetivos	151
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	247,2
% de Participação	33,3
Alunos Efetivos	790
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	238,0
% de Participação	27,8
Alunos Efetivos	491
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

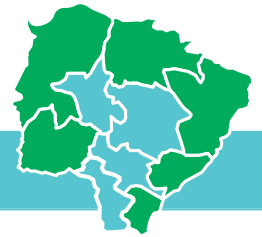


SUDESTE	
Proficiência Média	242,2
% de Participação	24,1
Alunos Efetivos	212
Padrão de Desempenho	Muito Crítico



RESULTADO GERAL

Proficiência Média	277,7
% de Participação	60,5
Alunos Efetivos	12.623
Padrão de Desempenho	Crítico

**MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO****NOROESTE**

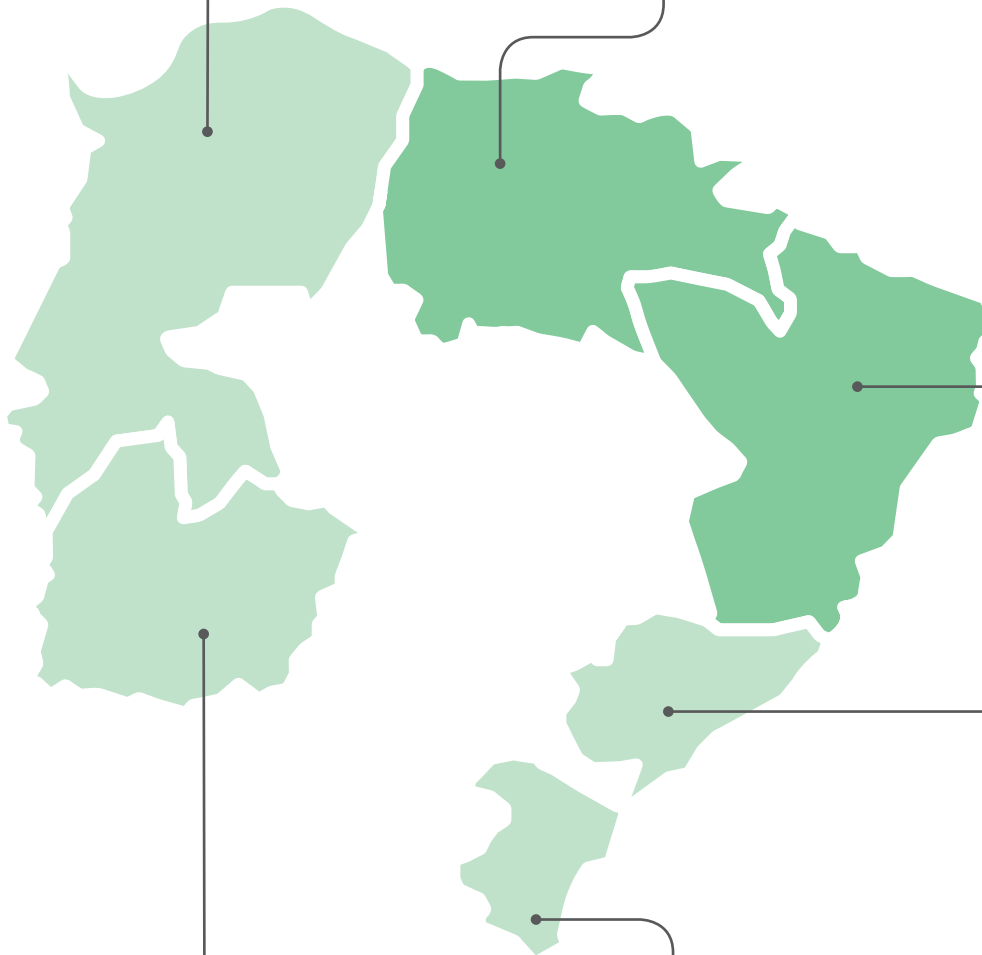
Proficiência Média	261,9
% de Participação	53,9
Alunos Efetivos	631
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

NORTE

Proficiência Média	283,4
% de Participação	68,4
Alunos Efetivos	923
Padrão de Desempenho	Crítico

LESTE

Proficiência Média	276,9
% de Participação	65,8
Alunos Efetivos	1.131
Padrão de Desempenho	Crítico

**OESTE**

Proficiência Média	274,9
% de Participação	56,8
Alunos Efetivos	555
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

SUL

Proficiência Média	270,6
% de Participação	56,6
Alunos Efetivos	661
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

SUDESTE

Proficiência Média	272,4
% de Participação	68,6
Alunos Efetivos	867
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

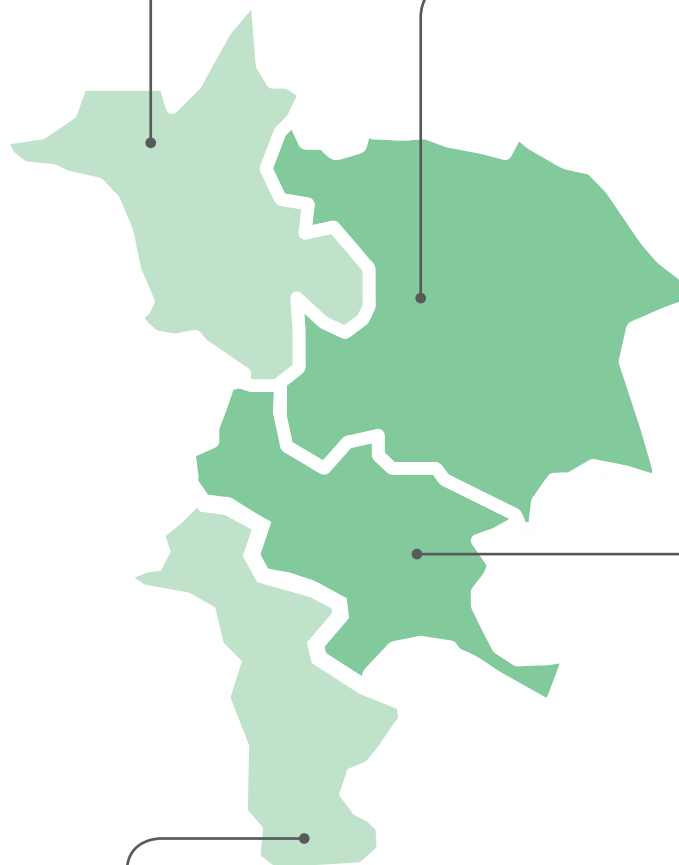
MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO



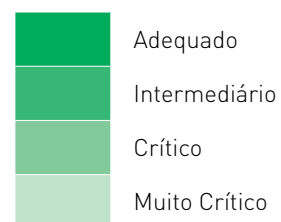
CENTRO-OESTE	
Proficiência Média	266,4
% de Participação	55,9
Alunos Efetivos	522
Padrão de Desempenho	Muito Crítico

CENTRAL	
Proficiência Média	281,1
% de Participação	58,5
Alunos Efetivos	4.425
Padrão de Desempenho	Crítico

CENTRO-SUL	
Proficiência Média	283,0
% de Participação	63,6
Alunos Efetivos	1.891
Padrão de Desempenho	Crítico



SUDESTE	
Proficiência Média	274,7
% de Participação	58,1
Alunos Efetivos	1.017
Padrão de Desempenho	Muito Crítico



EQUIDADE E DESEMPENHO UM DEBATE NECESSÁRIO

Os resultados das avaliações em larga escala no Brasil revelam grande variação do desempenho dos estudantes em todas as etapas e disciplinas. Essa desigualdade não é um fenômeno brasileiro; está presente, em maior ou menor grau, nos países que realizam esse tipo de avaliação.

Como se sabe, são muitos os fatores que impactam na desigualdade educacional, desde aqueles de ordem individual (traços de personalidade e condições socioeconômicas) até aqueles de natureza coletiva (tipo e qualidade das práticas pedagógicas, clima escolar, nível socioeconômico médio dos estudantes de uma escola etc.).

Num país como o nosso, em que as desigualdades caracterizam as relações sociais, produzindo forte impacto sobre o acesso ao direito à educação, torna-se relevante aprofundar a compreensão das desigualdades nos sistemas de ensino, tendo em vista a necessidade e a urgência de políticas públicas que possibilitem a todos o acesso a uma escola de qualidade. E não custa reforçar que as avaliações educacionais oferecem um material vasto para caracterizar e compreender essa questão.

Existem ferramentas estatísticas capazes de descrever e analisar dados e relações entre variáveis que, de outro modo, seriam difíceis de serem sintetizadas ou compreendidas. Uma das relações mais relevantes é a associação entre equidade e desempenho. Há vários métodos para estudá-la. Um exemplo é o Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI), que possi-

bilita uma compreensão abrangente da problemática.

O que é o CCI?

Para compreender o CCI, é necessário, antes de tudo, entender como ele é calculado. O ponto de partida é a variação dos resultados dos estudantes, que podem ser de dois tipos:

Intraescolar: a variação de desempenho entre os estudantes de uma mesma escola em relação à média obtida pela instituição onde estudam; e

Extraescolar: a variação das médias das escolas em relação a toda a população avaliada.

As variações de desempenho escolar, portanto, podem ser divididas em duas partes: a variação das médias das escolas, umas em comparação com as outras (variação extraescolar); e a variação das notas individuais dos estudantes dentro de uma mesma escola (variação intraescolar). Esses dois tipos de variação podem ser somados, resultando na variabilidade total de desempenho observada nos resultados das avaliações dos estudantes. O Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI) é a proporção da variação de desempenho que pode ser atribuída às escolas em relação à variação total (a intraescolar + a extraescolar). O CCI varia de 0 a 1 (ou de 0 a 100), sendo que, quanto mais próximo de 1 (ou de 100), maior é a desigualdade.

Consideremos, no gráfico 1, que a nossa população educacional se resuma a

Os dois gráficos abaixo ajudam a compreender melhor a CCI. A primeira delas retrata uma situação de máxima desigualdade e a segunda, o contrário, uma situação de máxima igualdade.

Gráfico 1 - Caso de perfeita desigualdade escolar (CCI = 1 ou 100%)

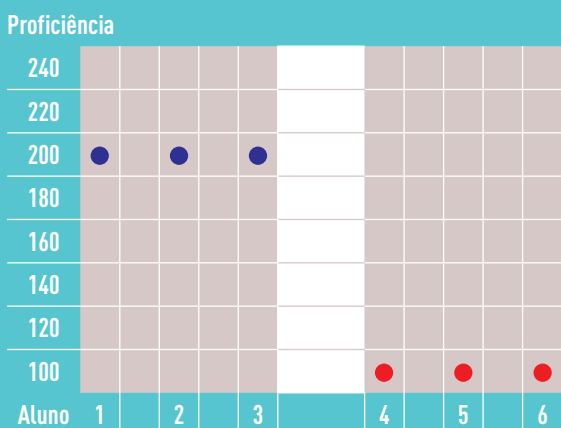
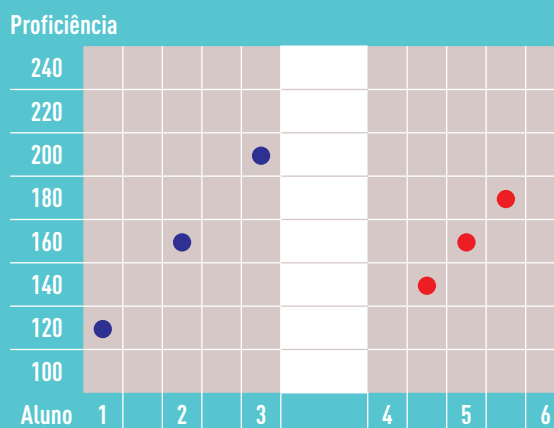


Gráfico 2 - Caso de perfeita igualdade escolar (CCI = 0)



Na prática, entretanto, os casos reais observados não pertencem a nenhum dos extremos retratados por esses dois gráficos, situando-se, antes, num meio termo entre elas. Assim, se tivermos, por exemplo, um CCI de 0,5 ou 50%, isso aponta um grau consideravelmente elevado de desigualdade no sistema, visto que a metade da variação observada nos resultados dos estudantes deve-se à diferença entre as médias de suas respectivas escolas. Por outro lado, se tivéssemos um CCI de 0,05 ou 5%, teríamos um sistema bem mais equânime, visto que as diferenças entre as médias das escolas respondem por somente 5% da variação total observada entre os resultados dos estudantes.

seis estudantes, com os estudantes identificados pelos números de 1 a 3 pertencentes a uma determinada escola (azul) e os outros três estudantes, identificados pelos números de 4 a 6, pertencentes a uma segunda escola (vermelha). Nesse caso, podemos observar o seguinte:

1. Não existe variação intraescolar nesta situação, visto que as notas dos estudantes dentro de cada escola são iguais.

2. Por outro lado, existe variação extraescolar, porque as médias das escolas variam. A escola azul tem um desempenho médio superior ao da escola vermelha, visto que as médias dessas escolas correspondem, respectivamente, a 200 e a 120 pontos na escala de proficiência.

3. Nessa situação, o CCI vale 1 ou 100%, que é o resultado que obtemos quando, segundo a definição desse coeficiente, dividimos a variação extraescolar pela variação total (variação extra mais a intraescolar, que corresponde à primeira, visto que a segunda é zero).

4. Dizemos que essa situação é de máxima desigualdade porque o fato de um estudante pertencer a uma dada escola determina completamente o resultado que esse estudante terá na prova. Portanto, se ele estudasse numa escola “de elite” (que seria a azul, nesse caso), ele estaria completamente fadado ao sucesso (supondo que o sucesso aqui seria o fato dele atingir a nota 200 no referido exame); por outro lado, se ele estudasse numa escola “ruim” (a vermelha), ele estaria irremediavelmente “condenado” a tirar uma nota mais baixa (120) no exame.

No gráfico 2, mantendo-se as mesmas convenções do caso anterior, podem-se também fazer quatro observações relevantes.

1. Existe agora uma variação intraescolar, visto que, dentro de cada escola, há estudantes obtendo notas diferentes, que podem ser maiores, iguais ou menores do que as médias de suas respectivas escolas.

2. Não existe variação extraescolar, porque as médias das escolas são iguais

entre si. (A média, geometricamente, pode ser definida como o ponto mediano de uma distribuição simétrica de valores, como a que ocorre para ambas as escolas nesse exemplo). Dessa forma, para ambas as escolas, a média corresponde a 160 pontos, valor que também corresponde à grande média (ou seja, à média dos estudantes de todas as escolas, calculada conjuntamente).

3. Pela definição do CCI, percebe-se que ele agora vale zero, pois o seu numerador é a variação extraescolar, que, como vimos, é nula neste caso. Por outro lado, a variação total observada (que corresponde ao denominador da expressão do CCI), resume-se apenas à variação intraescolar, já que a outra parcela da soma, a variação extraescolar, é nula.

4. Nesse caso de desigualdade nula (ou de máxima igualdade), qualquer estudante pode, a princípio, tirar uma nota abaixo ou acima da grande média populacional, independentemente de pertencer a esta ou àquela escola. Em outras palavras, as escolas têm desempenhos médios iguais, e quaisquer diferenças observadas no desempenho individual dos estudantes deve-se a características próprias destes, e não às escolas que eles frequentam. Daí provém a máxima equanimidade do sistema.

A equidade no PISA

O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) é, provavelmente, o mais conhecido programa de avaliação educacional de âmbito internacional. O Brasil participa da avaliação desde 2003, embora não seja membro da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), responsável pelo exame.

Assim como outras avaliações de larga escala, é possível calcular o CCI para os países participantes da avaliação, analisando a relação entre equidade educacional e desempenho no PISA. A análise dos resultados de 2003, quando a avaliação se centrou em Matemática, é bastante rica para compreender essa associação. Naquele ano, o país com melhor desempenho foi a Finlândia, com

544 pontos. O Brasil obteve a pontuação mais baixa (356), com pequena diferença em relação à Indonésia e à Tunísia.

O cálculo do CCI para cada país revela que, em muitos casos, a média da escola tem um peso menor do que o desempenho individual. Como se verá adiante, é o caso da Finlândia, cujo desempenho no PISA é considerado exemplar.

Algumas conclusões importantes que se extraem da análise do CCI dos países do PISA 2003 são:

1. Considerando todos os países participantes, cerca de um terço (33%) das variações de resultados entre os estudantes resulta de diferenças entre as médias das escolas. O peso do desempenho individual é maior: 67% dessas variações (dois terços do total) se devem a resultados individuais dos estudantes em suas respectivas escolas.

2. Em alguns países, há uma grande variação dos resultados individuais dos estudantes; em outros, a variação é menor. Mas não existe uma relação direta entre desempenho e variabilidade, como ilustram Brasil e Indonésia: no primeiro, a variação dos resultados individuais dos estudantes é maior do que no segundo, mas a média de ambos é parecida. O Brasil obteve 356 pontos e a Indonésia, 360.

Variações para mais ou para menos dizem respeito somente à variabilidade dos resultados dos estudantes, e não à eficácia do ensino, a qual pode ser estimada, por exemplo, através das médias nacionais na prova.

Esse exemplo remete a uma conclusão importante para as políticas educacionais: a equidade, sozinha, não é um critério suficiente para informar sobre o grau de avanço educacional de um país ou região. Um grande nível de equidade não é necessariamente positivo: pode ser algo ruim se o nivelamento se der “por baixo”, ou seja, se estiver associado a baixo desempenho.

3. A análise do PISA 2003 também aponta para um fato que contradiz o

senso comum: a ideia de que nos países com elevado padrão socioeconômico há mais igualdade educacional. Alemanha, Japão, Bélgica e Itália têm esse perfil, mas apresentam grandes variações entre as escolas (extraescolares).

Nos países de maior desigualdade, os CCIs giram em torno de 50% ou mais. Isso indica que pelo menos 50% da variação dos resultados dos estudantes se deve a variações entre as médias das escolas.

4. Nos países com elevada igualdade educacional – países nórdicos (Islândia, Finlândia, Noruega, Suécia e Dinamarca) e da Europa Ocidental (Reino Unido, Irlanda e Espanha), por exemplo –, as variações de desempenho entre os estudantes são decorrentes, quase que exclusivamente, de seu desempenho individual, e não de suas respectivas escolas. Isso porque, nesses países, as médias das escolas estão muito próximas umas das outras.

Equidade numa perspectiva nacional

A discussão sobre desempenho e equidade realizada a partir do PISA 2003 pode ser replicada no Brasil, utilizando os microdados de avaliações realizadas pelo Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd).

Tomando os desempenhos de seis estados – Acre, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro – em Matemática, no 9º ano do Ensino Fundamental, em 2010, tem-se como resultado análises relevantes para as políticas educacionais voltadas para a melhoria da qualidade e, simultaneamente, para a redução das desigualdades.

O cálculo dos CCIs para as redes estaduais analisadas mostra uma variação considerável quanto ao Coeficiente de Correlação Intraclasse: o Acre apresenta o menor CCI (7,9%) e Minas Gerais, o maior (16,5%), como se vê na tabela a seguir:

Os dados mostram que a rede estadual do Acre se caracteriza por uma grande homogeneidade. Mas, equidade, sozinha, como já se disse, não é necessa-

riamente indício de um ensino melhor. Para tanto, é preciso que melhores resultados também estejam associados à maior equidade. Caso contrário, o que se tem é um nivelamento por baixo.

Em contrapartida, Minas Gerais apresentou a maior heterogeneidade dos resultados escolares: nele, cerca de um sexto das diferenças de resultados observadas entre os estudantes se deve a diferenças entre as médias de suas escolas. Além disso, as análises apontam para uma associação positiva entre proficiência e desigualdade.

Implicações para políticas públicas

As informações obtidas nessa análise remetem a observações relevantes:

- As redes estaduais analisadas são sistemas aparentemente homogêneos, visto que as diferenças de desempenho individual dos estudantes estão mais fortemente associadas ao seu diferencial pessoal em relação à média de suas escolas. A distância da média das escolas em relação à média de grupo avaliado pesa menos.
- Os sistemas mais homogêneos também são, nesses casos específicos, os menos eficazes. Os menores valores de CCI estão associados às menores médias. Por isso, é preciso atentar para o “nivelamento por baixo”, evitando que a igualdade se atrele à ineficiência.
- Há variações consideráveis de desempenho e de equidade entre os estados. Portanto, um desafio (para as pesquisas e para a gestão), determinar formas de se alcançar a eficácia no ensino, conservando baixa a desigualdade. Esse objetivo deve ser, sem dúvida, uma das metas prioritárias das administrações educacionais de todos os estados da federação.

Tabela 1: CCI em Matemática

(9º ano EF) por rede estadual em 2010

ESTADO	CCI
AC	7,9
CE	9,5
ES	13,6
MG	16,5
PE	10,5
RJ	14,0

FONTE: CAEd

Tabela 2: Médias de Matemática

(9º ano EF) por rede estadual em 2010

ESTADO	CCI
MG	268,9
ES	247,2
CE	235,7
RJ	234,8
PE	229,9
AC	229,7

FONTE: CAEd

COM A PALAVRA, O DIRETOR

INFORMAÇÃO E ESTÍMULO

Avaliação identifica interferências no ensino

A professora Cecília Welter Ledesma, atual diretora da Escola Estadual Paulo Freire, possui um currículo distinto, o qual reúne licenciaturas em Educação Física e Pedagogia, habilitação em Administração, especialização em Gestão Escolar e pós-graduação em Metodologia de Ensino. Há nove anos ocupando o cargo de diretora, ela conta que escolheu a carreira por acreditar que a educação é capaz de modificar a sociedade.

Para a diretora, a escola desempenha uma função importante na sociedade, uma vez que “ela precisa acompanhar o intenso volume de informações que a globalização desencadeia, além da necessidade de repassar conhecimentos científicos, valores morais e humanos necessários ao processo de ensino e aprendizagem”. No entanto, ela destaca que educar de acordo com as exigências atuais requer o comprometimento da escola e da família, realizando um trabalho conjunto.

Nessa perspectiva, o maior desafio é garantir um ensino de qualidade “com ações efetivas, inovadoras, pautadas no compromisso de todos os envolvidos: estudantes, pais e professores na nobre missão de formar cidadãos críticos e participativos”, argumenta.

Cecília entende que a qualidade da educação é composta por vários fatores, entre materiais e recursos humanos. O sucesso da educação depende, para ela, de bons profissionais, “capazes de se comprometer efetivamente com os resultados educativos e de promover a mediação entre as dimensões intra e extraescolares”. E para que haja compromisso e comprometimento, é necessário investimento, acompanhamento e avaliação dos resultados.

Avaliando saberes

As avaliações em larga escala levam em consideração não só o desempenho dos estudantes, mas também fatores de infraestrutura e desenvolvimento

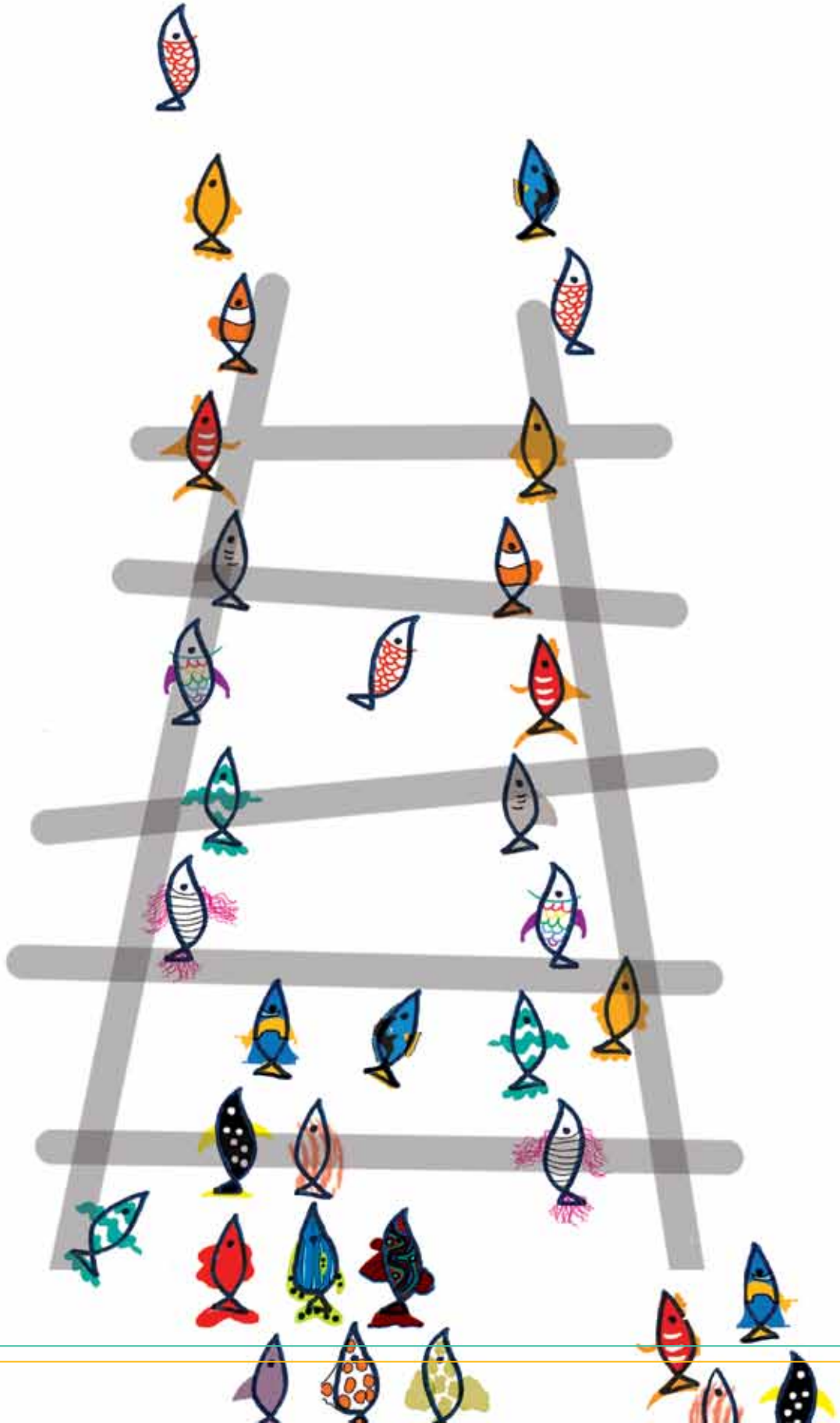
humano, os quais, segundo a diretora, “são de fundamental importância para o desenvolvimento da qualidade do processo educativo, pois avaliam os indicadores do desempenho escolar local, proporcionando uma visão de como está sendo conduzido o processo educativo”. Em sua concepção, o diagnóstico gerado pelas avaliações estimula os estados e municípios a implantarem sistemas, visando à superação das dificuldades da educação. A educadora explica que a matriz de referência norteia o que será avaliado em cada disciplina, informando as competências e habilidades esperadas dos estudantes naquela etapa de aprendizagem. Ela tem como objetivo “avaliar os saberes que o estudante possui quando entra e sai de um ano escolar”, afirma.

No entanto, Cecília ressalta que a matriz de referência não pode ser utilizada para traçar as estratégias em sala de aula, já que esse papel deve ser desempenhado

pela matriz curricular, que é mais ampla e espelha as diretrizes de ensino. De acordo com ela, por não conhecerem as habilidades listadas na matriz de referência, alguns professores cometem equívocos no planejamento de conteúdos ou componentes curriculares.

A diretora também acha importante que os professores da escola conheçam a matriz de referência, pois “favorece o conhecimento dos objetivos relacionados ao desenvolvimento e às melhorias das práticas pedagógicas”. Para ela, esse conhecimento permite que os profissionais apresentem maior comprometimento com os resultados, contribuindo para o avanço do ensino.

Cecília acredita que a avaliação identifica os pontos positivos e aponta condições de intervenção nos pontos negativos, fornecendo “informações importantes às escolas e comunidade escolar sobre o desempenho e os fatores que interferem na aprendizagem dos estudantes”.



PERCENTUAL DE ESTUDANTES POR PADRÃO DE DESEMPENHO

Os padrões de desempenho representam os diferentes graus de realização educacional. Por meio deles é possível analisar os aspectos cognitivos que diferenciam o percentual de estudantes situados nos níveis mais altos de desempenho e aqueles que estão nos níveis mais baixos. A diferença entre esses extremos reflete a distância existente entre aqueles que têm grandes chances de atingir o sucesso escolar e, conseqüentemente, maiores possibilidades de acesso aos bens materiais, culturais e sociais; e aqueles para os quais o fracasso escolar e a exclusão social podem ser mera questão de tempo, caso não sejam implementadas ações e políticas com vistas à promoção da equidade.

Os padrões de desempenho indicam, portanto, o grau de cumprimento dos objetivos educacionais expressos nas propostas pedagógicas de ensino, bem como as metas de desempenho a serem alcançadas. Eles apresentam, pois, uma caracterização das habilidades e competências cognitivas desenvolvidas pelos estudantes em importantes pontos da escala de proficiência.

Nesta seção é apresentada, para cada polo de ensino, a distribuição do percentual de estudantes pelos padrões de desempenho definidos pela SED.

PADRÕES DE DESEMPENHO ESTUDANTIL

Caracterização	Categoria	Área do conhecimento avaliada	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho revelam ser capazes de realizar tarefas que exigem habilidades mais sofisticadas. Eles desenvolveram habilidades que superam aquelas esperadas para o período de escolaridade em que se encontram.	Adequado	Língua Portuguesa	
		Matemática	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho demonstram ter ampliado o leque de habilidades tanto no que diz respeito à quantidade quanto no que se refere à complexidade dessas habilidades, as quais exigem um maior refinamento dos processos cognitivos nelas envolvidos.	Intermediário	Língua Portuguesa	
		Matemática	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho demonstram já terem começado um processo de sistematização e domínio das habilidades consideradas básicas e essenciais ao período de escolarização em que se encontram. Por isso, também para esse grupo, é importante o investimento de esforços para que possam desenvolver habilidades mais elaboradas.	Crítico	Língua Portuguesa	
		Matemática	
Os alunos que apresentam este padrão de desempenho revelam ter desenvolvido competências e habilidades muito aquém do que seria esperado para o período de escolarização em que se encontram. Por isso, esse grupo necessita de uma intervenção focada de modo a progredirem com sucesso em seu processo de escolarização.	Muito Crítico	Língua Portuguesa	
		Matemática	

A Revista Pedagógica apresenta, para cada etapa de escolaridade, o detalhamento das habilidades e competências específicas para as diferentes áreas do conhecimento avaliadas.

Etapa Avaliada							
2ºano EF	3ºano EF	4ºano EF	5ºano EF	8ºano EF	1ºEM/ EJA	3º EM	
Acima de 500	Acima de 500	Acima de 500	Acima de 225	Acima de 275	Acima de 340	Acima de 350	
Acima de 825	Acima de 850	Acima de 875	Acima de 275	Acima de 325	Acima de 350	Acima de 375	
400 a 500	450 a 500	450 a 500	175 a 225	225 a 275	290 a 340	300 a 350	
775 a 825	800 a 850	825 a 875	225 a 275	275 a 325	300 a 350	325 a 375	
350 a 400	400 a 450	400 a 450	125 a 175	175 a 225	215 a 290	250 a 300	
700 a 775	725 a 800	750 a 825	175 a 225	225 a 275	250 a 300	275 a 325	
Até 350	Até 400	Até 400	Até 125	Até 175	Até 215	Até 250	
Até 700	Até 725	Até 750	ATÉ 175	ATÉ 225	Até 250	Até 275	
Intervalo da Escala de Proficiência							

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência Média	Desvio Padrão	Nota Média do Ditado	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos	Nº Efetivo de Alunos	Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho			
								0	350	1000	
CENTRAL	480,8	92,7	32,0	Intermediário	2.912	2.393	82,2	7,7%	11,5%	40,1%	40,8%
CENTRO-OESTE	455,8	95,9	29,6	Intermediário	1.169	982	84,0	13,5%	14,9%	40,9%	30,6%
CENTRO-SUL	489,8	93,0	33,8	Intermediário	2.088	1.808	86,6	8,0%	8,2%	37,6%	46,2%
LESTE	497,5	92,5	33,5	Intermediário	1.041	870	83,6	7,0%	9,2%	32,6%	51,2%
NOROESTE	439,1	88,0	29,2	Intermediário	1.033	756	73,2	15,8%	16,9%	43,8%	23,5%
NORTE	477,9	92,2	33,2	Intermediário	991	836	84,4	10,0%	9,7%	39,0%	41,3%
OESTE	461,2	84,5	31,8	Intermediário	576	474	82,3	11,7%	11,9%	40,4%	36,1%
SUDESTE	484,9	96,3	32,5	Intermediário	945	784	83,0	8,6%	11,0%	36,2%	44,2%
SUDOESTE	484,6	97,3	33,5	Intermediário	1.801	1.514	84,1	9,5%	9,6%	36,9%	43,9%
SUL	499,2	92,1	33,2	Intermediário	1.205	1.001	83,1	7,0%	8,3%	32,2%	52,5%
Mato Grosso do Sul	479,9	94,5	32,5	Intermediário	13.761	11.418	83,0	9,3%	10,8%	38,0%	41,9%

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Nota Média da Redação	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho			
	Média	Alunos				Alunos	Alunos		0	400	450	500
CENTRAL	511,5	82,4	5,1	Adequado	3.164	2.652	83,8	11,2%	10,6%	20,5%	57,7%	
CENTRO-OESTE	510,8	79,0	4,2	Adequado	1.092	908	83,2	9,6%	12,4%	20,5%	57,5%	
CENTRO-SUL	531,2	79,3	5,7	Adequado	2.045	1.784	87,2	5,9%	9,9%	17,9%	66,3%	
LESTE	515,7	84,8	5,5	Adequado	1.098	936	85,2	10,8%	10,4%	20,8%	58,0%	
NOROESTE	489,6	82,8	4,7	Intermediário	1.043	880	84,4	15,8%	15,0%	22,5%	46,7%	
NORTE	512,3	82,7	5,1	Adequado	1.053	847	80,4	10,5%	10,6%	22,2%	56,6%	
OESTE	527,2	85,7	5,1	Adequado	688	583	84,7	9,0%	7,6%	19,1%	64,3%	
SUDESTE	513,7	78,4	5,7	Adequado	990	867	87,6	8,6%	11,6%	20,9%	58,9%	
SUDOESTE	522,9	85,3	5,2	Adequado	1.760	1.501	85,3	8,7%	9,4%	19,7%	62,1%	
SUL	533,5	80,2	5,8	Adequado	986	834	84,6	6,6%	7,2%	18,9%	67,4%	
Mato Grosso do Sul	517,1	82,8	5,2	Adequado	13.919	11.792	84,7	9,6%	10,5%	20,2%	59,8%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Nota Média da Redação	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho					
	Média	Desvio Padrão				Alunos	Alunos		0	400	450	500	1000	
CENTRAL	573,3	74,4	5,8	Adequado	3.671	3.134	85,4	2,0%	3,2%	9,7%	85,0%			
CENTRO-OESTE	567,5	67,9	5,5	Adequado	1.047	908	86,7	1,5%	2,7%	9,4%	86,4%			
CENTRO-SUL	576,7	74,5	6,0	Adequado	2.194	1.955	89,1	1,5%	3,2%	9,7%	85,6%			
LESTE	569,2	73,1	5,6	Adequado	1.215	1.048	86,3	1,5%	4,2%	11,3%	83,1%			
NOROESTE	542,3	70,3	5,1	Adequado	990	837	84,5	3,7%	5,5%	17,1%	73,6%			
NORTE	566,2	71,5	5,9	Adequado	1.007	861	85,5	2,2%	3,8%	10,4%	83,6%			
OESTE	571,0	80,3	5,6	Adequado	683	601	88,0	2,7%	3,5%	10,5%	83,3%			
SUDESTE	567,6	72,7	6,0	Adequado	1.034	911	88,1	1,9%	3,8%	10,3%	84,0%			
SUDOESTE	568,7	75,7	5,8	Adequado	1.859	1.602	86,2	2,0%	3,7%	11,5%	82,7%			
SUL	581,6	75,0	6,2	Adequado	1.023	865	84,6	1,0%	3,0%	9,9%	86,1%			
Mato Grosso do Sul	570,0	74,3	5,8	Adequado	14.723	12.722	86,4	1,9%	3,5%	10,7%	83,8%			

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Nota Média da Redação	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho			
	Média	Desvio Padrão				Alunos	Alunos		0	125	175	225
CENTRAL	209,8	42,1	6,2	Intermediário	3.007	2.493	82,9	2,1%	18,5%	44,6%	34,8%	
CENTRO-OESTE	209,4	40,7	6,0	Intermediário	890	720	80,9	1,1%	20,0%	41,9%	37,0%	
CENTRO-SUL	210,6	41,7	5,8	Intermediário	1.982	1.724	87,0	1,4%	19,9%	40,9%	37,8%	
LESTE	207,4	39,8	5,4	Intermediário	1.193	1.044	87,5	1,2%	19,9%	46,4%	32,5%	
NOROESTE	197,7	38,4	5,8	Intermediário	1.126	946	84,0	1,8%	26,9%	48,2%	23,1%	
NORTE	204,1	40,9	5,6	Intermediário	899	716	79,6	2,1%	21,2%	47,2%	29,5%	
OESTE	212,1	41,2	5,7	Intermediário	534	479	89,7	1,1%	18,4%	44,1%	36,4%	
SUDESTE	200,1	41,1	5,4	Intermediário	926	804	86,8	2,8%	24,8%	45,5%	26,9%	
SUDOESTE	210,2	42,0	6,0	Intermediário	1.572	1.339	85,2	1,3%	19,2%	43,9%	35,7%	
SUL	210,9	39,6	5,4	Intermediário	890	772	86,7	1,0%	17,6%	47,5%	33,9%	
Mato Grosso do Sul	207,8	41,3	5,8	Intermediário	13.019	11.037	84,8	1,6%	20,3%	44,7%	33,4%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Nota Média da Redação	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
	Média	Mé				Alunos	Alunos		0	175	225	275	500
CENTRAL	237,8	40,5	5,0	Intermediário	5.461	3.775	69,1	7,1%	29,3%	45,2%	18,4%		
CENTRO-OESTE	234,0	38,8	4,6	Intermediário	1.005	695	69,2	5,2%	35,3%	45,2%	14,3%		
CENTRO-SUL	237,1	38,6	4,9	Intermediário	4.043	3.033	75,0	5,7%	32,0%	46,1%	16,3%		
LESTE	230,9	40,6	4,7	Intermediário	2.934	2.052	69,9	9,1%	35,3%	41,4%	14,2%		
NOROESTE	229,3	38,4	5,1	Intermediário	1.381	1.000	72,4	7,2%	38,6%	42,4%	11,8%		
NORTE	233,7	41,2	4,8	Intermediário	1.906	1.351	70,9	8,1%	33,5%	41,5%	17,0%		
OESTE	237,1	39,5	4,6	Intermediário	1.160	888	76,6	5,8%	30,9%	45,9%	17,4%		
SUDESTE	234,0	38,4	4,7	Intermediário	1.781	1.331	74,7	6,4%	35,0%	44,1%	14,5%		
SUDOESTE	235,6	39,4	4,8	Intermediário	2.622	1.892	72,2	6,3%	33,1%	44,3%	16,3%		
SUL	236,3	38,5	4,6	Intermediário	1.378	981	71,2	6,5%	31,5%	46,1%	15,8%		
Mato Grosso do Sul	235,2	39,7	4,8	Intermediário	23.671	16.998	71,8	6,8%	32,7%	44,3%	16,1%		

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Nota Média da Redação	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
	Média	Desvio Padrão				Alunos	Alunos		0	215	290	340	500
CENTRAL	257,2	42,8	6,0	Crítico	14.578	8.551	58,7	17,2%	60,3%	20,6%	1,9%		
CENTRO-OESTE	249,4	41,7	6,0	Crítico	1.396	843	60,4	20,1%	63,0%	15,5%	1,4%		
CENTRO-SUL	253,9	42,1	5,7	Crítico	5.639	3.479	61,7	17,6%	62,7%	18,2%	1,6%		
LESTE	253,0	41,1	5,9	Crítico	3.393	2.016	59,4	18,3%	62,9%	17,7%	1,1%		
NOROESTE	244,9	41,2	5,9	Crítico	2.510	1.498	59,7	24,5%	62,6%	12,1%	0,7%		
NORTE	254,7	39,7	6,0	Crítico	2.448	1.528	62,4	16,3%	64,6%	17,9%	1,2%		
OESTE	253,8	41,9	6,2	Crítico	1.852	1.181	63,8	18,0%	62,6%	17,9%	1,6%		
SUDESTE	254,1	42,1	5,7	Crítico	1.944	1.333	68,6	17,8%	62,9%	17,2%	2,1%		
SUDOESTE	254,3	43,2	5,6	Crítico	3.168	1.967	62,1	20,5%	58,9%	18,1%	2,5%		
SUL	252,1	39,8	5,4	Crítico	2.000	1.268	63,4	18,1%	65,2%	15,2%	1,4%		
Mato Grosso do Sul	254,3	42,1	5,9	Crítico	38.928	23.664	60,8	18,2%	61,8%	18,3%	1,7%		

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 1º FASE DO ENSINO MÉDIO - EJA

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Nota Média da Redação	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho			
	Média	Desvio Padrão				Alunos	Alunos		0	215	290	340
CENTRAL	243,2	40,5	6,1	Crítico	2.379	984	41,4	24,6%	62,6%	12,4%	0,4%	
CENTRO-OESTE	232,8	37,6	6,1	Crítico	472	192	40,7	33,5%	61,8%	4,7%	0,0%	
CENTRO-SUL	232,2	39,1	5,9	Crítico	1.773	574	32,4	34,1%	59,3%	6,5%	0,2%	
LESTE	232,2	41,6	5,6	Crítico	686	278	40,5	34,2%	56,7%	8,7%	0,4%	
NOROESTE	232,9	42,1	5,6	Crítico	1.189	420	35,3	32,9%	59,2%	7,0%	1,0%	
NORTE	239,5	38,1	5,9	Crítico	643	284	36,4	24,7%	67,1%	7,4%	0,9%	
OESTE	236,9	41,0	5,5	Crítico	478	190	39,7	29,8%	58,0%	12,2%	0,0%	
SUDESTE	230,8	39,8	6,1	Crítico	459	205	44,7	33,8%	58,3%	7,8%	0,0%	
SUDOESTE	232,6	42,5	5,8	Crítico	879	262	29,8	34,9%	57,0%	7,8%	0,4%	
SUL	232,5	40,3	5,3	Crítico	537	220	41,0	32,9%	61,2%	5,5%	0,5%	
Mato Grosso do Sul	236,1	40,6	5,9	Crítico	9.495	3.559	37,5	30,4%	60,4%	8,7%	0,4%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO LÍNGUA PORTUGUESA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho		
					Alunos	Alunos		0	250	350
CENTRAL	280,8	42,9	Crítico	7.606	4.694	61,7	24,2%	41,1%	30,3%	4,5%
CENTRO-OESTE	265,0	43,8	Crítico	938	581	61,9	36,8%	41,3%	18,9%	2,9%
CENTRO-SUL	279,2	44,5	Crítico	2.988	2.035	68,1	25,9%	41,2%	28,2%	4,8%
LESTE	275,5	43,0	Crítico	1.744	1.179	67,6	27,9%	42,9%	25,3%	3,8%
NOROESTE	264,7	42,5	Crítico	1.182	724	61,3	37,8%	42,0%	18,0%	2,2%
NORTE	280,6	41,6	Crítico	1.354	924	68,2	22,5%	43,8%	29,9%	3,8%
OESTE	275,9	41,8	Crítico	991	652	65,8	27,1%	43,8%	26,0%	3,1%
SUDESTE	271,7	41,1	Crítico	1.280	897	70,1	30,6%	44,0%	23,4%	2,0%
SUDOESTE	275,8	42,1	Crítico	1.753	1.113	63,5	27,1%	43,2%	26,4%	3,3%
SUL	268,8	42,7	Crítico	1.177	702	59,6	32,2%	44,5%	20,3%	3,0%
Mato Grosso do Sul	276,6	43,1	Crítico	21.013	13.501	64,3	27,2%	42,2%	26,8%	3,8%

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos	Nº Efetivo de Alunos	Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
	Média	Padrão						0	700	775	825	1000
CENTRAL	765,0	41,2	Crítico	2.899	2.459	84,8	5,6%	52,4%	35,4%	6,6%		
CENTRO-OESTE	756,8	45,3	Crítico	1.164	1.008	86,6	10,8%	53,6%	28,9%	6,7%		
CENTRO-SUL	771,9	40,7	Crítico	2.069	1.851	89,5	5,1%	45,6%	41,0%	8,2%		
LESTE	771,4	42,4	Crítico	1.038	914	88,1	5,2%	46,8%	37,2%	10,7%		
NOROESTE	748,3	40,6	Crítico	1.025	783	76,4	11,6%	63,2%	22,8%	2,4%		
NORTE	769,4	45,2	Crítico	988	896	90,7	5,9%	50,3%	31,5%	12,3%		
OESTE	763,6	39,9	Crítico	576	477	82,8	7,1%	48,7%	38,0%	6,2%		
SUDESTE	769,5	40,4	Crítico	944	815	86,3	5,6%	47,8%	39,4%	7,2%		
SUDOESTE	766,1	44,0	Crítico	1.800	1.592	88,4	6,8%	49,6%	34,6%	9,0%		
SUL	775,3	43,7	Intermediário	1.194	1.032	86,4	6,3%	38,4%	43,0%	12,3%		
Mato Grosso do Sul	766,4	42,9	Crítico	13.697	11.827	86,3	6,6%	49,5%	35,6%	8,2%		

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho			
					Alunos	Alunos		0	725	800	850
CENTRAL	761,5	43,8	Crítico	3.123	2.748	88,0	20,8%	61,1%	15,9%	2,3%	
CENTRO-OESTE	761,4	43,7	Crítico	1.082	946	87,4	20,3%	61,1%	16,2%	2,3%	
CENTRO-SUL	774,9	43,5	Crítico	2.023	1.779	87,9	13,0%	59,3%	23,6%	4,1%	
LESTE	771,0	44,2	Crítico	1.094	964	88,1	14,3%	59,5%	22,6%	3,7%	
NOROESTE	752,8	46,3	Crítico	1.048	883	84,3	27,1%	58,8%	11,9%	2,2%	
NORTE	761,8	42,1	Crítico	1.035	917	88,6	18,5%	61,7%	18,4%	1,4%	
OESTE	773,2	45,2	Crítico	680	591	86,9	14,7%	54,9%	26,7%	3,6%	
SUDESTE	761,3	44,1	Crítico	988	890	90,1	20,2%	61,3%	16,2%	2,3%	
SUDOESTE	769,9	45,0	Crítico	1.748	1.556	89,0	16,4%	57,5%	22,2%	3,9%	
SUL	776,6	45,4	Crítico	976	826	84,6	12,3%	58,1%	23,6%	6,0%	
Mato Grosso do Sul	766,3	44,7	Crítico	13.797	12.100	87,7	17,9%	59,6%	19,4%	3,1%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
	Média	Padrão			Alunos	Alunos		0	750	825	875	1000
CENTRAL	798,6	41,8	Crítico	3.640	3.216	88,4	12,4%	60,8%	23,8%	2,9%		
CENTRO-OESTE	799,2	40,3	Crítico	1.035	920	88,9	11,5%	61,9%	24,4%	2,3%		
CENTRO-SUL	806,2	41,8	Crítico	2.172	1.969	90,7	8,8%	57,2%	29,7%	4,3%		
LESTE	805,7	38,7	Crítico	1.233	1.091	88,5	8,2%	60,1%	28,8%	3,0%		
NOROESTE	782,6	41,1	Crítico	986	866	87,8	23,0%	61,7%	13,9%	1,4%		
NORTE	797,5	42,6	Crítico	1.010	905	89,6	13,3%	58,6%	25,8%	2,3%		
OESTE	800,3	43,6	Crítico	671	597	89,0	11,6%	58,2%	26,0%	4,3%		
SUDESTE	802,1	43,3	Crítico	1.046	920	88,0	11,6%	55,4%	29,9%	3,1%		
SUDOESTE	802,2	44,5	Crítico	1.837	1.666	90,7	12,4%	54,4%	28,9%	4,2%		
SUL	810,2	43,5	Crítico	1.007	900	89,4	8,2%	53,5%	30,9%	7,4%		
Mato Grosso do Sul	800,8	42,6	Crítico	14.637	13.050	89,2	11,8%	58,4%	26,3%	3,5%		

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência Média	Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
				Previsto de Alunos	Efetivo de Alunos		0	175	225	275	500
CENTRAL	224,5	42,5	Crítico	3.001	2.574	85,8	12,9%	38,0%	36,1%	13,0%	
CENTRO-OESTE	220,3	42,7	Crítico	881	733	83,2	14,0%	41,6%	33,7%	10,7%	
CENTRO-SUL	229,8	42,9	Intermediário	1.986	1.750	88,1	11,2%	35,0%	38,9%	14,9%	
LESTE	225,9	42,0	Intermediário	1.198	1.065	88,9	12,1%	37,3%	38,2%	12,4%	
NOROESTE	211,2	40,8	Crítico	1.132	947	83,7	19,1%	45,4%	29,8%	5,6%	
NORTE	218,7	41,7	Crítico	904	773	85,5	15,4%	40,6%	35,0%	9,1%	
OESTE	224,2	44,7	Crítico	540	484	89,6	14,3%	35,9%	36,1%	13,7%	
SUDESTE	217,9	40,9	Crítico	935	819	87,6	14,3%	43,4%	34,8%	7,5%	
SUDOESTE	227,6	45,3	Intermediário	1.564	1.377	88,0	12,7%	35,8%	36,0%	15,5%	
SUL	232,8	45,1	Intermediário	897	802	89,4	11,2%	32,5%	37,6%	18,7%	
Mato Grosso do Sul	224,1	43,2	Crítico	13.038	11.324	86,9	13,3%	38,1%	36,0%	12,5%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Nº Efetivo de Alunos	Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
									0	225	275	325	500
CENTRAL	242,4	39,8	Crítico	5.427	3.899	71,8	32,0%	48,2%	17,6%	2,1%			
CENTRO-OESTE	239,0	38,4	Crítico	996	703	70,6	36,2%	46,9%	15,6%	1,3%			
CENTRO-SUL	245,1	40,1	Crítico	4.001	3.002	75,0	30,6%	46,8%	20,3%	2,4%			
LESTE	239,5	39,5	Crítico	2.904	2.097	72,2	35,7%	46,4%	16,4%	1,4%			
NOROESTE	236,0	37,0	Crítico	1.359	948	69,8	37,1%	49,7%	12,0%	1,2%			
NORTE	241,6	38,9	Crítico	1.883	1.450	77,0	32,4%	48,2%	17,6%	1,7%			
OESTE	240,4	39,0	Crítico	1.145	855	74,7	33,1%	49,1%	15,9%	1,9%			
SUDESTE	239,6	39,7	Crítico	1.767	1.343	76,0	35,3%	45,6%	17,6%	1,5%			
SUDOESTE	242,9	40,6	Crítico	2.601	1.920	73,8	33,2%	46,0%	18,1%	2,7%			
SUL	243,5	38,0	Crítico	1.371	1.025	74,8	32,0%	48,1%	18,4%	1,6%			
Mato Grosso do Sul	241,8	39,5	Crítico	23.454	17.242	73,5	33,1%	47,4%	17,5%	1,9%			

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Polo	Proficiência Média		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Nº Efetivo de Alunos	Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho		
									0	250	350
CENTRAL	263,5	42,4	Crítico	14.510	8.497	58,6	37,6%	42,7%	17,7%	2,1%	
CENTRO-OESTE	254,2	42,8	Crítico	1.391	821	59,0	47,3%	38,5%	12,9%	1,4%	
CENTRO-SUL	260,8	42,8	Crítico	5.583	3.413	61,1	40,6%	40,5%	17,2%	1,7%	
LESTE	261,5	41,5	Crítico	3.384	2.036	60,2	39,7%	42,0%	16,2%	2,1%	
NOROESTE	249,1	39,3	Muito Crítico	2.473	1.324	53,5	51,1%	38,9%	9,1%	0,9%	
NORTE	263,2	39,5	Crítico	2.441	1.609	65,9	37,4%	44,2%	17,3%	1,2%	
OESTE	259,6	41,8	Crítico	1.838	1.123	61,1	41,8%	41,9%	14,3%	2,0%	
SUDESTE	259,9	41,2	Crítico	1.929	1.305	67,7	41,3%	41,2%	15,6%	1,9%	
SUDOESTE	260,0	43,0	Crítico	3.146	1.873	59,5	42,1%	39,8%	15,7%	2,4%	
SUL	260,6	40,1	Crítico	1.990	1.139	57,2	40,2%	41,9%	16,7%	1,1%	
Mato Grosso do Sul	261,0	42,0	Crítico	38.685	23.140	59,8	40,2%	41,6%	16,3%	1,8%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 1º FASE DO ENSINO MÉDIO - EJA

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Nº Efetivo de Alunos	Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho				
	Média	Desvio Padrão			Alunos	Alunos			0	250	300	350	500
CENTRAL	247,2	41,6	Muito Crítico	2.372	790	33,3	54,6%	34,1%	10,3%	1,0%			
CENTRO-OESTE	236,2	41,2	Muito Crítico	471	151	32,1	68,2%	24,5%	6,6%	0,7%			
CENTRO-SUL	238,0	40,5	Muito Crítico	1.765	491	27,8	63,3%	28,7%	8,0%	0,0%			
LESTE	237,0	40,8	Muito Crítico	683	243	35,6	61,0%	32,8%	5,4%	0,8%			
NOROESTE	229,4	37,8	Muito Crítico	1.191	283	23,8	70,6%	24,5%	4,6%	0,4%			
NORTE	247,0	44,3	Muito Crítico	643	177	27,5	56,8%	29,5%	13,1%	0,6%			
OESTE	240,4	46,9	Muito Crítico	467	152	32,5	61,0%	25,3%	13,0%	0,7%			
SUDESTE	244,3	45,0	Muito Crítico	452	160	35,4	60,1%	24,7%	14,6%	0,6%			
SUDOESTE	242,2	42,4	Muito Crítico	878	212	24,1	62,3%	26,6%	10,6%	0,5%			
SUL	239,2	38,6	Muito Crítico	528	184	34,8	63,7%	28,6%	7,7%	0,0%			
Mato Grosso do Sul	240,9	41,8	Muito Crítico	9.450	2.843	30,1	60,9%	29,4%	9,1%	0,6%			

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

RESULTADOS DE PARTICIPAÇÃO E PROFICIÊNCIA MÉDIA POR POLO MATEMÁTICA - 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

Polo	Proficiência		Desvio Padrão	Padrão de Desempenho	Nº Previsto de Alunos		Participação (%)	% de Alunos por Padrão de Desempenho			
	Média	Desvio Padrão			Alunos	Alunos		0	275	325	375
CENTRAL	281,1	49,2	Crítico	7.563	4.425	58,5	44,7%	36,0%	16,6%	2,7%	
CENTRO-OESTE	266,4	48,7	Muito Crítico	934	522	55,9	59,3%	26,0%	13,3%	1,3%	
CENTRO-SUL	283,0	48,8	Crítico	2.972	1.891	63,6	42,7%	37,5%	16,9%	2,9%	
LESTE	276,9	46,5	Crítico	1.718	1.131	65,8	49,6%	35,3%	12,7%	2,4%	
NOROESTE	261,9	46,8	Muito Crítico	1.170	631	53,9	64,4%	25,4%	8,3%	1,9%	
NORTE	283,4	47,2	Crítico	1.349	923	68,4	42,7%	38,2%	16,3%	2,8%	
OESTE	274,9	44,7	Muito Crítico	977	555	56,8	50,9%	35,6%	11,5%	2,0%	
SUDESTE	272,4	45,9	Muito Crítico	1.263	867	68,6	52,4%	33,9%	12,5%	1,2%	
SUDOESTE	274,7	48,0	Muito Crítico	1.749	1.017	58,1	51,9%	31,7%	14,3%	2,1%	
SUL	270,6	45,7	Muito Crítico	1.168	661	56,6	51,4%	36,5%	11,0%	1,1%	
Mato Grosso do Sul	277,7	48,3	Crítico	20.863	12.623	60,5	48,0%	34,9%	14,7%	2,3%	

Muito Crítico
 Crítico
 Intermediário
 Adequado

POR UMA EDUCAÇÃO MENOS DESIGUAL

Um dos desafios centrais a serem enfrentados pelo sistema educacional no Brasil nesta década (2011-2020) está descrito na Meta 8 do projeto do Plano Nacional de Educação (PNE) enviado pelo Executivo ao Congresso em 2010: elevar a escolaridade da população de 18 a 24 anos para o mínimo de 12 anos, inclusive no campo e entre os mais pobres. O documento também estabelece que o país deve superar as discrepâncias entre negros e não negros no que tange à desigualdade educacional. Por tratar de questões urgentes do ensino no país, refletir sobre o cenário atual, no qual essa meta se coloca, é extremamente importante.

O cumprimento dessa meta exige mais do que a redução das disparidades de oportunidades educacionais: requer uma atuação forte no campo das políticas públicas nos três níveis de governo, visando uma drástica correção do fluxo escolar no Ensino Fundamental. Concomitantemente, será necessário elevar a qualidade do ensino básico ofertado, promovendo um desenvolvimento paralelo entre séries e habilidades consolidadas, com o intuito de assegurar condições necessárias para o ingresso e permanência no Ensino Médio. Diversos estudos e pesquisas baseados nos resultados do Censo da Educação Básica e nas avaliações do Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) evidenciam, de um lado, mudanças consistentes e positivas nos indicadores do sistema escolar. De outro, contudo,

identificam pontos de estrangulamento, relacionados às disparidades entre as regiões, entre campo e cidade e às diferenças de raça/cor. Apontamos, a seguir, diversos aspectos das mudanças que vêm sendo experimentadas e dos desafios que precisam ser enfrentados.

Acesso à escola

Os dados apontam que, entre 1970 e 2000, o número de matrículas, no Brasil, aumentou 2,7 vezes. No Ensino Fundamental, mais que dobrou, incorporando quase a totalidade das crianças em idade escolar. A ampliação foi ainda mais expressiva no Ensino Médio, que passou de 1 milhão de matrículas para 7 milhões; e na educação infantil, que cresceu 13 vezes no período.

Desde 2000, a dinâmica demográfica vem afetando positivamente o desempenho global do sistema escolar: a redução da taxa de fecundidade das famílias brasileiras leva a uma diminuição do número absoluto de matrículas no primeiro segmento do Ensino Fundamental, tendência reiterada pelo Censo Escolar de 2011. Em 2004, eram 49,2 milhões, agora são 41,3 milhões em toda a educação básica.

Distorção idade-série

A melhoria das condições de vida das famílias, associada à expansão do acesso à escola na idade adequada e à implantação de programas de correção do fluxo em muitos estados e municípios,

resultaram na queda considerável da taxa de reprovação. Essa queda tem impacto direto na melhoria nas taxas de distorção idade-série. Apesar dos avanços, esse ainda é um grave problema que persiste. Em 2003, 31,2% dos estudantes do Ensino Fundamental não cursavam a série condizente com a idade. No Ensino Médio, esse percentual era de 45,8%; em 2010, esses percentuais são menores, mas ainda elevados: 23,6% e 34,5%, respectivamente.

Indicadores de rendimento do sistema escolar

A melhoria nas taxas de rendimento (reprovação e abandono) acompanha os indicadores de resultados: queda no número de analfabetos, aumento da média de anos de estudo, diminuição nas desigualdades educacionais entre regiões, sexo e raça. De fato, a taxa de analfabetismo entre jovens e adultos (15 anos ou mais), era de quase 34% em 1970, passa para 20% em 1991 e chega a 10% em 2007, de acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Apesar da queda, os dados sobre analfabetismo revelam importantes desigualdades regionais e de cor/raça; o qual tende a ser maior nas regiões mais pobres (Norte e, principalmente, no Nordeste) e entre os pardos.

Em pouco mais de uma década (1998-2009), o número médio de anos de estudo subiu 1,3 ano – passou de 5,9 anos para 7,2. No entanto, no Nordeste, o tempo de permanência na escola é significativamente menor que nas demais regiões. O recorte por sexo indica que, apesar dos avanços na escolarização das mulheres, no Norte do Brasil ainda há diferenças expressivas entre homens e mulheres no que diz respeito ao acesso à escola.

A comparação entre zona rural e urbana aponta a desvantagem da primeira (4,8 anos) em relação à segunda (8 anos).

Infraestrutura

O Censo Escolar aponta para a considerável melhoria média das condições de infraestrutura das escolas brasileiras desde meados da década de 1990. Contudo, não ocorreu de modo homogêneo nem equânime, pois o processo variou conforme a região. Além disso, as escolas que mais avançaram em termos de melhoria da infraestrutura são urbanas, e, dentro dessas, as estaduais. As escolas municipais urbanas e as rurais são as grandes excluídas desse processo.

Pesquisas têm mostrado que a expansão educacional experimentada pelo Brasil nos últimos anos levou a um aumento do nível formal de instrução da população e à redução da desigualdade entre os grupos de cor, regiões e estratos de renda. No entanto, a persistência das desigualdades – evidenciada nas informações apresentadas – assinala claramente a necessidade de se concentrar os esforços em políticas capazes de tornar mais equitativo o acesso e, em especial, a permanência na escola.

O que se tem constatado é que características individuais são cada vez menos determinantes nas transições entre as etapas dentro do sistema escolar. Com isso, a responsabilidade dos gestores e profissionais que atuam nos sistemas de ensino se amplia, uma vez que devem consolidar ações de redução das disparidades, vinculadas à permanência no sistema e à melhoria da qualidade do ensino. O PNE coloca o assunto em pauta e pode fornecer, para os próximos anos, os caminhos a serem seguidos na superação dessas desigualdades.

COM A PALAVRA, O SUPERINTENDENTE DE POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO

DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO

Superintendente apresenta sua experiência na educação de MS

Roberval Ângelo Furtado é Superintendente de Políticas de Educação, atua na educação há 19 anos, exercendo esta função há dois. Ele conta que, ainda jovem, resolveu cursar o extinto Magistério e, logo em seguida, trabalhou como professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O superintendente afirma que os anos de experiência em sala de aula e, posteriormente, como supervisor escolar, selaram uma vocação e uma determinação de que é possível contribuir significativamente para a mudança e melhoria de contextos e realidades, principalmente quando se agregam conhecimento e valores. “Sempre fui e sou um apaixonado pelo ambiente escolar e por tudo o que acontece no seu interior. Quem já viveu ou vive a educação na sua essência se encanta”, enfatiza.

Para ele, muitos dos desafios na educação sul-mato-grossense já foram superados, porém é necessário ficar alerta em relação aos altos índices de reprovação e

abandono: “precisamos e devemos avançar a passos largos na universalização do Ensino Médio, além de promover alterações no currículo que possam responder às demandas impostas pela juventude e pelo mercado de trabalho. Nossos jovens querem aprender mais”.

Percepção da avaliação

Formado em Pedagogia com habilitação em Supervisão Escolar e especializado em Gestão Escolar e Políticas Públicas, Roberval é responsável por 362 escolas que compõem a Rede Estadual de Ensino. No total, são aproximadamente 295 mil estudantes matriculados nos Ensinos Fundamental e Médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional Técnica; além dos 18 mil professores, 1.100 coordenadores pedagógicos e 650 diretores.

Ele entende a avaliação externa como um processo avaliativo amplo, que torna possível tanto à instituição gestora do sistema, quanto às unidades escolares, um diagnóstico do ensino

e aprendizagem. Segundo Roberval, a instituição tem trabalhado constantemente com as equipes das escolas para validar o processo e dar credibilidade às ações que dele são advindas, de forma a contribuir para a promoção da qualidade educacional. “Aos poucos, estamos vencendo o paradigma da avaliação externa como uma ‘espia’ do órgão central”, afirma.

O superintendente revelou que, no Mato Grosso do Sul, a avaliação externa é assumida como um procedimento balizador das políticas educacionais. Dessa forma, a Secretaria passa a ser dotada de um conjunto de informações sobre a sua Rede de Ensino e cada uma das unidades escolares. “A partir desses indicadores, são propostas as intervenções com vistas à melhoria da qualidade do ensino ofertado, do funcionamento e dos resultados das escolas”.

Roberval ainda falou sobre como acontece a divulgação dos resultados para

as escolas. Segundo ele, os resultados são divulgados para os diretores, coordenadores pedagógicos e grupos de professores das disciplinas avaliadas. “Organizamos reuniões técnicas por polos, onde a equipe técnica da SED realiza a entrega dos boletins e promove as devidas explicações das análises realizadas”, expõe. Em seguida, cada unidade escolar deve promover o repasse das informações para toda a comunidade escolar em reuniões de estudos.

Encerrando a conversa, perguntamos como a instância gestora trabalha para a promoção da qualidade da educação e a equidade de oportunidades. O superintendente afirmou que a Secretaria empreende algumas ações institucionais alicerçadas em seu planejamento estratégico. Dentre as quais, destacam-se: o projeto “Além das Palavras”, voltado para estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental; a educação em tempo integral; os Jogos Escolares; e a Mostra Cultural.

A aprendizagem de todos no tempo e idade certos é um dever dos governos democráticos. A consolidação de uma escola de qualidade é uma exigência social, sendo crucial assegurar a implementação de ações que contribuam para a solução dos sérios problemas educacionais. É fundamental garantir que os resultados dos sistemas avaliativos sejam apropriados e subsidiem as políticas desenvolvidas pelas instâncias gestoras e as ações pedagógicas desenvolvidas pelas unidades escolares. Portanto, os resultados apresentados nesta revista devem ser socializados, estudados, analisados e debatidos à exaustão em suas múltiplas possibilidades de uso. Temos certeza que isso já está acontecendo em todas as escolas do Mato Grosso do Sul.



Reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora
Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Coordenação Geral do CAEd
Lina Kátia Mesquita Oliveira

Coordenação Técnica do Projeto
Manuel Fernando Palácios da Cunha Melo

Coordenação da Unidade de Pesquisa
Tufi Machado Soares

Coordenação de Análises e Publicações
Wagner Silveira Rezende

Coordenação de Instrumentos de Avaliação
Verônica Mendes Vieira

Coordenação de Medidas Educacionais
Wellington Silva

Coordenação de Operações de Avaliação
Rafael de Oliveira

Coordenação de Processamento de Documentos
Benito Delage

Coordenação de Produção Visual
Hamilton Ferreira

Responsável pelo Projeto Gráfico
Edna Rezende S. de Alcântara

Ficha Catalográfica

VOLUME 2

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação.

SAEMS – 2011 / Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, CAEd. v. 2 (jan/dez. 2011), Juiz de Fora, 2011 – Anual

BROOKE, Daniel Aguiar de Leighton; MELO, Manuel Fernando Palácios da Cunha e; OLIVEIRA, Lina Kátia Mesquita; PONTES, Luís Antônio Fajardo; REZENDE, Wagner Silveira.

ISSN 2238-0590

CDU 373.3+373.5:371.26(05)

